

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS  
*CAMPUS* OURO PRETO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA

André Luiz Barbosa Novais

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A  
PAISAGEM ANTROPIZADA EM FOTOS**

Ouro Preto

2024

ANDRÉ LUIZ BARBOSA NOVAIS

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A  
PAISAGEM ANTROPIZADA EM FOTOS**

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia em Rede – PROFGEO do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Venilson Luciano Benigno Fonseca

Linha de pesquisa: As linguagens no ensino de Geografia

Ouro Preto

2024

---

N936f Novais, André Luiz Barbosa.

A fotografia como recurso didático no ensino de geografia  
[manuscrito] : a paisagem antropizada em fotos / André Luiz Barbosa  
Novais. – 2024.  
95 f. : il.

Orientador: Venilson Luciano Benigno Fonseca.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal Minas Gerais. *Campus*  
Ouro Preto, 2024.

1. Geografia – Ensino. 2. Fotografia – Recurso didático. 3.  
Paisagem – Alterações antrópicas. I. Fonseca, Venilson Luciano  
Benigno. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto.  
IV. Título.

---

CDU 910:37.02

Catálogo: Andresa Aredes Ferreira CRB-6/MG-003262/0



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS**  
**Campus Ouro Preto**  
**Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação**  
**Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional**  
Rua Pandiá Calógeras, 898 - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG  
- www.ifmg.edu.br

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**FOLHA DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO**

**André Luiz Barbosa Novais**

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A PAISAGEM  
ANTROPIZADA EM FOTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Geografia em Rede - PROFGEO do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG/*Campus* Ouro Preto, para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Geografia.

Aprovado(a) em: 14 de agosto de 2024 pela Banca Examinadora:

Prof Dr. Venilson Luciano Benigno Fonseca - Orientador (IFMG Campus Conselheiro Lafaiete)  
Prof Dr. Leandro de Aguiar e Souza (IFMG – Campus Santa Luzia)  
Prof Dr. Vandeir Robson Matias (CEFET-MG)

Ouro Preto, 14 de agosto de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro de Aguiar e Souza, Professor**, em 19/08/2024, às 13:28, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Venilson Luciano Benigno Fonseca, Professor**, em 19/08/2024, às 14:18, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Vandeir Robson da Silva Matias**, **Usuário Externo**, em 19/08/2024, às 18:56, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2007987** e o código CRC **3590758C**.

---

23213.000758/2024-23

2007987v1

Dedico esta dissertação aos meus queridos pais, Odilon e Creusa, cujo amor incondicional e apoio constante tornaram possível cada passo deste caminho. Sem vocês, nada disso seria possível. Obrigado por serem minha inspiração e minha força.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus queridos familiares, cujo apoio e compreensão foram fundamentais em todos os momentos deste desafio acadêmico. À minha amada esposa, Jamila, por sua paciência e incentivo incansável ao longo desta jornada. Ao meu filho, Pedro, por ser minha maior motivação e fonte de alegria, mesmo nos momentos mais difíceis. Vocês são minha inspiração diária e tudo que conquistei é também fruto do amor e suporte que recebo de vocês. Muito obrigado por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu orientador, Venilson, expresso minha profunda gratidão pela sua orientação excepcional, e aos momentos de diálogo que serviram para acalmar e ao mesmo tempo incentivar com elegância e gentileza quando necessário. Tudo foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também as escolas participantes, EEEFM Nossa Senhora da Conceição e CEEFMTI Professor José Leão Nunes, em especial às suas respectivas diretoras, Norimara Soares dos Santos e Rhaiany Simões, que gentilmente e prontamente acolheram a pesquisa fornecendo os dados necessários para a escrita e desenvolvimento das ideias que sustentaram o trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e, por isso, apresento meus agradecimentos a esse importante auxílio no desenvolvimento da pesquisa.

“[...] a fotografia  
mostra também  
o que o fotógrafo  
não viu  
ou nem sabia que via

fora do centro  
fora de foco  
tudo o que  
também importa.”

Ana Elisa Ribeiro

## RESUMO

A fotografia como recurso didático para as aulas de Geografia insere-se no contexto de uma sociedade imagética marcada pelo uso de ferramentas tecnológicas de compartilhamento de informações que propiciam o desenvolvimento de estudantes protagonistas na construção dos saberes e percepções da vida ao seu redor. Deste modo, a pesquisa teve como principal objetivo analisar o uso da fotografia como recurso metodológico no ensino de da Geografia. Para a realização do trabalho delimitou-se o contexto territorial do baixo curso do Rio Doce, no município de Linhares, litoral norte do Espírito Santo, e a região da planície do Rio Marinho, entre os municípios de Cariacica e Vila Velha, que compõe a região metropolitana da Grande Vitória-ES. Os recortes fazem parte dos bairros no entorno de escolas de Ensino Médio consultadas durante a pesquisa para obtenção de informações e resultados de atividades que utilizaram a fotografia com ênfase à interpretação de paisagens. Entre as atividades analisadas cita-se a sondagem de conhecimentos prévios sobre o conceito de paisagem, a realização de oficinas de fotografia e saídas a campo com o objetivo de analisar o uso e a ocupação do solo e os impactos da presença humana e, por fim, a escrita dos estudantes sobre os lugares fotografados por eles. A partir desses procedimentos metodológicos foi possível concluir que a fotografia causa engajamento dos estudantes, desde o planejamento das atividades até a execução e pós-produção utilização de recurso fotográfico, possibilitando o debate sobre as várias formas de compreensão de uma mesma paisagem.

**Palavras-chaves:** Geofotografia. Paisagens. Alterações antrópicas.

## ABSTRACT

Photography as a didactic resource for Geography classes is situated within the context of an imagetic society marked by the use of technological tools for information sharing, which foster the development of students as protagonists in the construction of knowledge and perceptions of life around them. Thus, the research aimed to analyze the use of photography as a methodological resource in teaching Geography. The study focused on the territorial context of the lower course of the Rio Doce River, in the municipality of Linhares, northern coast of Espírito Santo, and the region of the Rio Marinho plain, between the municipalities of Cariacica and Vila Velha, which comprise the metropolitan region of Greater Vitória-ES. These areas include neighborhoods surrounding high schools that were consulted during the research to obtain information and results from activities using photography with an emphasis on landscape interpretation. Among the analyzed activities were the survey of prior knowledge about the concept of landscape, photography workshops and field trips aimed at analyzing land use and occupation and the impacts of human presence. Finally, students wrote about the places they photographed. Through these methodological procedures, it was possible to conclude that photography engages students from the planning stages through execution and post production, facilitating discussions about various ways of understanding the same landscape.

**Keywords:** Geophotography, Landscapes, Anthropogenic Alterations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Figura 1 -  | Infográfico do fluxo metodológico da pesquisa.....   | 31 |
| Figura 2 -  | Mapa com os limites do município de Linhares – ES (ÁREA 1).....  | 32 |
| Figura 3 -  | Fotografia aérea da chegada dos rejeitos de mineração à foz do Rio Doce,<br>Regência, Linhares-ES..... | 33 |
| Figura 4 -  | Participação dos estudantes em atividade teórica.....  | 34 |
| Figura 5 -  | Participação dos estudantes em atividade teórica.....  | 34 |
| Figura 6 -  | Prática de fotografia com estudantes em Linhares-ES.....   | 35 |
| Figura 7 -  | Aula de campo na ÁREA 1.....   | 36 |
| Figura 8 -  | Aula de campo na ÁREA 1.....   | 36 |
| Figura 9 -  | Mapa dos limites do município da Grande Vitória-ES (ÁREA 2).....                                       | 37 |
| Figura 10 - | Bairros e seus limites nas proximidades da escola.....   | 39 |
| Figura 11 - | Triângulo da exposição.....  | 42 |
| Figura 12 - | Imagem de satélite da área com os pontos visitados pelos estudantes<br>(ÁREA 2).....                   | 44 |
| Figura 13 - | Ponto de observação 1 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 44 |
| Figura 14 - | Ponto de observação 2 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 45 |
| Figura 15 - | Ponto de observação 3 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 45 |
| Figura 16 - | Ponto de observação 3 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 46 |
| Figura 17 - | Ponto de observação 4 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 46 |
| Figura 18 - | Ponto de observação 5 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 47 |
| Figura 19 - | Ponto de observação 6 do trabalho de campo na ÁREA 2.....  | 47 |
| Figura 20 - | Fluxo da sequência didática.....   | 48 |
| Figura 21 - | Nuvem de palavras a partir do conceito de paisagem.....  | 49 |
| Figura 22 - | Fotografia da foz Rio Doce.....  | 56 |
| Figura 23 - | Fotografia do porto da Vila de Regência, Linhares-ES.....  | 56 |
| Figura 24 - | Fotografia do plantio de eucaliptos.....   | 57 |
| Figura 25 - | Fotografia da área de restinga e farol em segundo plano.....   | 58 |
| Figura 26 - | Nuvem de palavras das descrições das fotografias na ÁREA 2.....  | 60 |
| Figura 27 - | Fotografia do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....  | 61 |
| Figura 28 - | Linhas guias na fotografia.....  | 62 |

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Figura 29 - | Fotografia da entrada do bairro Vale Esperança, Cariacica-ES.....                  | 63 |
| Figura 30 - | Fotografia do muro de um comércio, Bela Aurora, Cariacica-ES.....                  | 64 |
| Figura 31 - | Fotografia da rua principal do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....               | 66 |
| Figura 32 - | Fotografia de indústria siderúrgica nas proximidades da escola, Cariacica-ES.....  | 67 |
| Figura 33 - | Fotografia de planta sobrepondo a imagem de uma fábrica.....                       | 68 |
| Figura 34 - | Fotografia de entrega de bebidas no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....          | 69 |
| Figura 35 - | Fotografia de lixo em rua do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....                 | 70 |
| Figura 36 - | Fotografia de lixo sob os trilhos da antiga estrada de ferro, Cariacica-ES...      | 70 |
| Figura 37 - | Fotografia de entulho sob os trilhos da antiga estrada de ferro, Cariacica-ES..... | 71 |
| Figura 38 - | Fotografia de poste com fios de telecomunicação e de energia.....                  | 72 |
| Figura 39 - | Fotografia da entrada do bairro Vale Esperança, Cariacica-ES.....                  | 73 |
| Figura 40 - | Fotografia da linha férrea na entrada do bairro Vale Esperança, Cariacica-ES.....  | 74 |
| Figura 41 - | Fotografia de árvores cortadas em rua do bairro Boa Sorte, Cariacica-ES..          | 76 |
| Figura 42 - | Fotografia de rua do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....                         | 77 |
| Figura 43 - | Fotografia dos trilhos da antiga estrada de ferro em Cariacica-ES.....             | 78 |
| Figura 44 - | Fotografia de vegetação em lote no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....           | 79 |
| Figura 45 - | Fotografia de vegetação em lote no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....           | 80 |
| Figura 46 - | Fotografia de flores na praça do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....             | 81 |
| Figura 47 - | Fotografia de uma flor no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.....                    | 81 |
| Figura 48 - | Tela da plataforma on-line Canva.....  | 82 |
| Figura 49 - | Tópico 1 do livro digital com apresentação do conteúdo.....                        | 84 |
| Figura 50 - | Tópico 2 do livro digital com abordagem sobre GeoFotografia.....                   | 85 |
| Figura 51 - | Tópico 2 com apresentação dos tipos de equipamentos.....                           | 86 |
| Figura 52 - | Tópico 2 com apresentação das técnicas básicas.....                                | 86 |
| Figura 53 - | Tópico 3 com apresentação da sequência didática.....                               | 87 |
| Figura 54 - | Tópico 3 com a preparação para o campo.....  | 88 |
| Figura 55 - | Tópico 3 com a saída a campo para fotografar.....                                  | 89 |
| Figura 56 - | Tópico 3 com a finalização da atividade.....                                       | 90 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|             |   |    |
|-------------|---|----|
| Gráfico 1 - | Distribuição de idades dos estudantes participantes.....                  | 38 |
| Gráfico 2 - | Bairros de residência dos estudantes participantes.....                   | 39 |
| Gráfico 3 - | O que você gosta de fotografar?.....                                      | 41 |
| Gráfico 4 - | Categorização das respostas dos estudantes sobre o conceito de paisagem.. | 48 |
| Gráfico 5 - | Assuntos fotografados na Área 1 da pesquisa.....                          | 54 |
| Gráfico 6 - | Assuntos fotografados na Área 2 da pesquisa.....                          | 60 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 .....</b>  | <b>20</b> |
| <b>PAISAGEM COMO CONCEITO GEOGRÁFICO .....</b>   | <b>20</b> |
| 1.1 O QUE É A PAISAGEM?.....   | 20        |
| <b>CAPÍTULO 2 .....</b>  | <b>25</b> |
| <b>A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NA GEOGRAFIA.....</b>  | <b>25</b> |
| 2.1 A SOCIEDADE IMAGÉTICA .....  | 25        |
| 2.2. O USO DA FOTOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA<br>GEOGRAFIA .....  | 27        |
| <b>CAPÍTULO 3 .....</b>  | <b>31</b> |
| <b>ANÁLISE METODOLÓGICA DO USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO<br/>    DIDÁTICO DE INTERPRETAÇÃO DE PAISAGENS.....</b>    | <b>31</b> |
| 3.1. EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS: O ESTUDO DO MEIO NA REGIÃO DA<br>BACIA DO RIO DOCE, LINHARES-ES. ....               | 32        |
| 3.2. EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS: O ESTUDO DO MEIO NA REGIÃO DA<br>PLANÍCIE URBANA DO RIO MARINHO, CARIACICA-ES. .... | 37        |
| <b>CAPÍTULO 4 .....</b>  | <b>48</b> |
| <b>ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>  | <b>48</b> |
| 4.1. O ENTENDIMENTO DE PAISAGEM PELOS ESTUDANTES.....  | 48        |
| 4.2. A PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA E O ESTUDO DO MEIO .....   | 53        |
| 4.3. PRODUTO EDUCACIONAL: PRODUÇÃO DE E-BOOK COMO MATERIAL<br>DE REFERÊNCIA METODOLÓGICA .....                       | 81        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>91</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>93</b> |

## INTRODUÇÃO

Abordagens de conteúdos deslocados da realidade do estudante constituem como um desafio constante para professoras e professores de Geografia que precisam cumprir os programas de ensino institucionais e ao mesmo tempo contextualizar temáticas ao cotidiano do estudante. Busca-se auxiliar o estudante no processo de compreensão do conteúdo estudado associando-o ao seu entorno, tendo uma visão das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais distantes no tempo e no espaço do contexto que ele mesmo vive.

Segundo Cavalcanti (2012) é importante, ao se ensinar temas da Geografia, ir do local ao global e retornar ao local. Desta maneira, o que é ensinado passa a fazer sentido ao estudante, pois ele pode compreender as ligações entre o conteúdo e sua vida cotidiana. Usar os conceitos de lugar, território e paisagem sem uma aproximação da espacialidade em que o estudante está inserido dificulta a compreensão das modificações temporais, econômicas e sociais do lugar em que vive.

Essa realidade atual se transforma em velocidade e fluidez das informações. A sociedade em que vivemos explora a imagem a todo tempo, e o estudante, não deslocado desse contexto, faz uso das tecnologias e meios de exposição imagética. A produção de fotografias e a obtenção de informações sobre o mundo através delas são recursos que podem ser explorados em sala de aula no sentido de aproximar o conteúdo ensinado à vida do estudante.

No ensino da Geografia, o uso da fotografia como recurso didático fornece possibilidades metodológicas para abordagens de diversos conteúdos. O seu uso pode auxiliar no processo de compreensão das transformações no espaço ao longo tempo, tendo como protagonista desta ação o próprio estudante, pois o mundo fotografado será a partir da visão deste indivíduo. Não é uma representação única da realidade, pois trata-se um ponto de vista específico de quem fotografa. Nessa perspectiva, a professora ou professor pode auxiliar o estudante na compreensão do que é visto, como é visto e qual mensagem ele quer passar com o registro fotográfico (Calazans; Almeida; Arlota, 2022).

Vale ressaltar que deve se preocupar em não reduzir a compreensão do real, perdendo a conexão com o global, como sugere Cavalcanti (2012). Os professores<sup>1</sup> podem, ao mesmo tempo, motivar a compreensão do entorno do estudante e contribuir para que sejam

---

<sup>1</sup> A partir deste ponto, todas as vezes que houver a citação “professor” ou “professores” estarei me referindo tanto ao professor quanto à professora.

pensados os conceitos mais amplos a partir do pensamento teórico, levando esse estudante além da visão do seu mundo imediato. Algo já defendido por Milton Santos quando afirma que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (Santos, 2006, p.231). Portanto, usar a fotografia para um registro do visível a partir da ótica do estudante deve dialogar com conceitos mais amplos da ciência geográfica, pois permite pensar sobre o lugar que vive e como se relaciona com o global.

Desta forma, considerando a importância desse diálogo entre os conceitos da Geografia com a realidade imediata do estudante, propõe-se com este trabalho analisar como a fotografia pode contribuir com o trabalho do professor de Geografia, sendo utilizada como recurso didático, e na interpretação de paisagens dos lugares vividos pelos estudantes, sendo o entorno de sua escola, sua casa, seu bairro, sua cidade. A pesquisa busca mostrar como o estudante entende as interações humanas no meio, e identificar tais relações na paisagem através de fotos com intencionalidade crítica ou mesmo descritiva. De forma específica, a pesquisa apresenta os objetivos:

- Identificar as características de uma sociedade imagética no contexto tecnológico atual.
- Discutir o uso de fotografias no ensino de Geografia.
- Analisar como os estudantes do Ensino Médio interpretam as paisagens humanizadas por meio da produção fotográfica.

Este trabalho se justifica pela busca em apresentar sugestões de ensino da Geografia de maneira que dialogue com o cotidiano social marcado pelo uso da imagem, notadamente fotográficas, entre os vários grupos sociais, entre eles os estudantes que diariamente estão conectados às tecnologias de informação presentes também nas salas de aula. É um desafio garantir a atenção e o aprendizado do estudante ao mesmo tempo em que tais recursos, como o celular, por vezes são mais atrativos que o conteúdo ensinado. Nesse sentido, o trabalho com a fotografia no ensino da Geografia é uma possibilidade de instrumentalizar as aulas com recurso que atraia a atenção dos estudantes ao mesmo tempo em que estabelece a aplicação dos conteúdos abordados.

E para servir de base sobre o uso da fotografia no ensino de Geografia, foram escolhidas experiências desenvolvidas em escolas da rede pública estadual<sup>2</sup>, consultando acervos de trabalhos de campo realizados, em anos anteriores, no baixo curso do Rio Doce, no

---

<sup>2</sup> As atividades consultadas fazem parte do acervo de trabalhos desenvolvidos por este pesquisador enquanto regente de turma no componente curricular de Geografia em escolas onde lecionou e leciona atualmente.

município de Linhares, litoral norte do Espírito Santo, nessa pesquisa denominada de ÁREA 1, e na planície fluvial do Rio Marinho, pertencente à bacia hidrográfica do Rio Jucu, entre os municípios de Cariacica e Vila Velha, na região metropolitana de Vitória-ES, denominada de ÁREA 2, com o objetivo de retratar o uso e a ocupação do solo e os seus impactos. São regiões de importância histórica, econômica e social onde se verifica um intenso uso de suas planícies, seja por atividades produtivas agropecuárias ou pela ocupação urbana.

A pesquisa coletou dados da participação de estudantes das séries finais do Ensino Médio de escolas de ensino básico estadual em atividades letivas. Conforme já explicitado, mas importante reforçar, a pesquisa iniciou-se, em 2022, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Nossa Senhora da Conceição, no município de Linhares-ES, denominada de ÁREA 1, com consulta a material desenvolvido por estudantes em projeto com parceria entre escola, a UNESCO no Brasil e a Fundação Renova<sup>3</sup> com o objetivo de analisar e compreender os impactos provenientes dos rejeitos de mineração que tomaram as águas do Rio Doce. A pesquisa prosseguiu, em 2023, na escola Centro Estadual de Ensino Fundamental e Médio em Tempo Integral (CEEFMTI) Professor José Leão Nunes, na região da ÁREA 2, planície do Rio Marinho entre os municípios de Cariacica e Vila Velha-ES, com consulta a acervo contendo trabalhos fotográficos e descritivos produzidos em disciplina eletiva<sup>4</sup> pelos estudantes, tendo como cenário o bairro da escola, Vale Esperança, Cariacica-ES e seu entorno. A seguir, mapas das respectivas áreas:

A partir do ano de 2023, a pesquisa concentrou-se na ÁREA 2, onde foram coletadas informações no banco de dados da escola CEEFMTI Professor José Leão Nunes, localizada no bairro Vale Esperança, Cariacica-ES, sobre o perfil socioeconômico geral dos estudantes, bem como consulta a acervo onde estão armazenados os materiais produzidos pelos grupos de estudantes participantes das atividades de observação do bairro nas disciplinas eletivas.

Com os trabalhos analisados nas duas áreas, espera-se estabelecer um comparativo dos resultados obtidos entre as duas regiões e públicos pertencentes a elas, pois a primeira área está situada em local de intenso uso agropecuário e a segunda área se caracteriza por intensa urbanização. Nesse sentido, há a possibilidade de se pensar a aplicação da fotografia como metodologia em lugares distintos com diferentes objetivos.

---

<sup>3</sup> Projeto Ciência Cidadã na bacia do Rio Doce: Programa Jovem Cientista, conduzido por professores da EEEFM Nossa Senhora da Conceição, em Linhares-ES, em parceria entre a UNESCO no Brasil e a Fundação Renova.

<sup>4</sup> Disciplinas eletivas são componentes ofertados para escolha dos estudantes a partir de seus projetos de vida no âmbito da escola de tempo integral do Estado do Espírito Santo.

Os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes do Ensino Médio, séries finais, tem por base a indicação da habilidade a ser trabalhada nas aulas de Geografia, no contexto da rede estadual de ensino do Espírito Santo, em que o estudante possa “identificar processos naturais agravados por intervenções humanas, analisando impactos nos contextos local e global” (Orientações Curriculares, Secretaria de Estado da Educação - Sedu, 2023, p.10)<sup>5</sup>. Além dessa habilidade presente no documento norteador em âmbito de ensino estadual, foi utilizada também a Base Nacional Comum Curricular – BNCC<sup>6</sup> extraíndo competências e habilidades<sup>7</sup> que se relacionam aos conteúdos abordados nas atividades desenvolvidas.

O trabalho está organizado em quatro capítulos: o Capítulo 1 que discute o conceito de “paisagem”, uma vez que se busca analisar o entendimento dos lugares através da fotografia como recursos no ensino de Geografia, por isso as concepções de teóricos da atualidade são abordadas para nortear a pesquisa.

O Capítulo 2 discute a fotografia como recurso didático no ensino de conteúdos da Geografia no contexto de uma sociedade baseada na imagem, denominada por Boris Kossoy (2020) de “civilização da imagem”, e como a Geografia, em seus conteúdos, pode explorar a linguagem fotográfica para auxiliar a explicação dos fenômenos sociais, políticos, econômicos, culturais e naturais.

No capítulo 3, o trabalho apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, explicitando a consulta de material produzido em escolas de ensino regular por estudantes do ensino médio. Por se tratar de uma pesquisa que tem por objetivo verificar e analisar o aproveitamento da fotografia como recurso didático, consultou-se trabalhos que envolveram registros fotográficos, uma vez que as escolas guardam em seus acervos os planejamentos de trabalhos de campo e as produções dos estudantes. Foi solicitado junto à secretaria escolar, dados gerais socioeconômicos dos estudantes para estabelecer um perfil do público da pesquisa<sup>8</sup>. Esses dados permitem verificar o repertório cultural e informacional aos quais os estudantes possuem e estão em contato, servindo de paralelo às atividades desenvolvidas por

---

<sup>5</sup> Orientações Curriculares 2023, Secretaria de Estado da Educação (Sedu), Governo do Espírito Santo. Disponível em <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares2023/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2023.

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades>>. Acesso em 01 de dezembro de 2022

<sup>7</sup> Verifica-se o uso das seguintes habilidades e competências da BNCC: competência 1 e as habilidades EM13CHS101, EM13CHS103 e EM13CHS106; competência 3 e as habilidades EM13CHS302 e EM13CHS304.

<sup>8</sup> Na etapa da pesquisa na EEEFM Nossa Senhora da Conceição, em Linhares-ES, o pesquisador não possuía ainda a autorização da Secretaria de Estado da Educação (Sedu) para coleta de tais informações, por isso observou e analisou as atividades desenvolvidas pela Unesco Brasil e Fundação Renova; essas informações somente foram coletadas no CEEFMTI Professor José Leão Nunes, quando a pesquisa já havia sido autorizada pela Sedu para coleta de informações.

eles. Para a análise dessas informações, utilizou-se o programa Excel para tabular e gerar gráficos dos dados coletados.

A pesquisa analisou as atividades dos estudantes tanto em âmbito do Projeto Ciência Cidadã na bacia do Rio Doce com implementação do programa Jovem Cientista da UNESCO no Brasil em parceria com a Fundação Renova realizado na EEEFM Nossa Senhora da Conceição, de Linhares-ES quanto nas disciplinas eletivas do CEEFMTI Professor José Leão Nunes, Cariacica-ES, no ano de 2023: o registro de respostas sobre o conceito de paisagem, presente tanto na atividade desenvolvida na Área 1 quanto na Área 2. Para a verificação do conceito apresentado pelos estudantes, utilizou-se o plugin do Google Chrome “Word Cloud Generator” o que possibilitou gerar uma nuvem de palavras que evidenciou as definições elaboradas; a realização das oficinas de conhecimentos básicos de fotografias oferecidas pelo programa Jovem Cientista, e oficinas realizadas com os estudantes na disciplina eletiva “Ecologia das Paisagens” no primeiro e segundo trimestres de 2023 do CEEFMTI Professor José Leão Nunes; por fim, as produções fotográficas com suas respectivas descrições produzidas pelos estudantes.

No capítulo 4 os trabalhos consultados possibilitaram a análise das percepções dos estudantes sobre o meio vivido através das fotografias e das descrições produzidas a partir do que foi fotografado. Desta forma, foi possível verificar a contribuição da fotografia com a apreensão do conceito de paisagens e como o ser humano, na visão do estudante, interage com o meio.

Após os resultados analisados, como produto educacional é proposto um material digital no formato de e-book, apresentado no Capítulo 4. A criação do e-book tem como plataforma de criação online CANVA. Cada etapa da pesquisa é apresentada na sequência, um passo a passo para a metodologia proposta com a Fotografia. O e-book é apresentado de forma interativa em que o leitor possa acessar informações extras sobre o processo metodológico. Os registros fotográficos em campo são a base do material digital. Esse produto tem como objetivo principal servir como referencial de metodologia para que outros professores de Geografia desenvolvam com suas turmas.

## CAPÍTULO 1

### PAISAGEM COMO CONCEITO GEOGRÁFICO

O conceito de paisagem é diverso, pois acompanha, ao longo da história, a própria evolução do pensamento geográfico<sup>9</sup>. Tal fato, portanto, possibilitou mudanças conceituais, uma vez que a cada contexto histórico a própria paisagem é transformada. Compreende-se que o estudo da paisagem requer atenção sobre as transformações do espaço geográfico provocada pelas ações humanas. A paisagem é um conceito fundamental na Geografia e para o trabalho que se propõe com a fotografia como recurso didático.

#### 1.1 O QUE É A PAISAGEM?

“O que é paisagem?” geralmente é a pergunta que o professor faz à sua turma quando está abordando os conceitos básicos da Geografia. As respostas para essa pergunta são inúmeras, nem sempre as mais esperadas pelo professor. Mas, essa variedade de ideias do que seja o conceito de paisagem não está na contramão do conhecimento geográfico, pois é amplo e diverso e se modificou a cada contexto histórico. Isso ocorre, segundo Cavalcanti (1998), por que

Na Geografia, esse conceito tem sido tradicionalmente destacado pelo fato de essa ciência procurar definir seu campo de estudo nos aspectos e fenômenos que concorrem para modelar, organizar e modificar materialmente o espaço. É geográfico, neste sentido, aquilo que tem influência sobre a paisagem, como expressão e forma desse espaço. (Cavalcanti, 1998, p.97)

Tomando como exemplo, o século XX foi marcado por vários entendimentos sobre o conceito de paisagem entre os geógrafos de acordo com cada contexto de análise, como afirmam Rosendahl e Corrêa (2001):

O conceito de paisagem é um dos mais antigos da geografia, a ponto de nas abordagens mais remotas, os geógrafos afirmarem ser a geografia “a ciência das paisagens”. Ao longo do século XX, o conceito de paisagem ganhou diversas acepções, algumas vezes em uma mesma corrente de pensamento, sendo alvo de amplos debates que se inseriam em um movimento de aceitação, refutação e, até mesmo, questionamento de sua cientificidade. (Rosendahl; Corrêa, 2001, p.29)

---

<sup>9</sup> Esta pesquisa não desconsidera as contribuições dos diversos autores da Geografia que abordaram a temática paisagem, tais como Alexander Von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel, Carl Ortwin Sauer, Richard Hartshorne, entre outros importantes nomes que influenciaram e ainda influenciam autores contemporâneos que trazem o conceito de diversas formas, por isso, este trabalho se ancorou nessas abordagens atuais.

Considerando o fato que o conceito de paisagem passou por inúmeras interpretações ao longo do tempo, com a orientação e acompanhamento do professor, um estudante pode compreendê-lo com as vivências que possui no meio em que vive a partir de um processo de investigação, de questionamentos ou de hipóteses, como afirmam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009):

O estudo do meio, além de interdisciplinar, permite que o aluno e professor se embrenhem num processo de pesquisa. Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos. O processo de descoberta diante de um meio qualquer, seja urbano, seja rural, pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos. (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009, p.173).

As respostas para a pergunta podem direcionar possibilidades de metodologias de investigação, como saída a campo, registros fotográficos, debates, conduzindo os estudantes à reflexão sobre o contexto estudado e interpretação do conceito.

Na abordagem em livros didáticos a paisagem aparece subdividida em natural ou transformada pelo ser humano (humanizada ou cultural). Quando natural, a paisagem é composta por elementos como rios, lagos, vegetações nativas entre outros. Já a paisagem tida como cultural é reflexo das ações humanas, por isso também chamada de paisagens antropizadas, onde é perceptível a presença das construções tanto em meio urbano quanto em meio rural. Essa definição aparece em uma consulta ao termo ao dicionário “A Modern Dictionary of Geography”:

Um termo usado para descrever a soma total da 'aparência' de uma área. Por isso paisagem física refere-se à combinação efeito das formas de relevo, vegetação 'natural', solos, rios e lagos, enquanto paisagem humana inclui todas as modificações feitas por pessoas (vegetação cultivada, padrões de campo, comunicações, assentamentos, minas a céu aberto e pedreiras, etc.). (Small e Witherick, 2001, p.149 – tradução).

Porém, essa divisão pode ser repensada à luz da interpretação de que natureza e sociedade não estão dissociadas, ou seja, que o ser humano é parte integrante do meio natural e, por isso, as paisagens são pertencentes de uma única ideia de espaço geográfico em constante transformação como apontado por algumas vertentes da Geografia. Nesse sentido, Santos (1988) define paisagem como

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (Santos, 1988, p.62).

Ao trabalhar com esse conceito em sala de aula, há uma necessidade de ouvir (ou ler) o que os estudantes consideram como sendo paisagem. Esse tipo de metodologia ao ensinar permite ao estudante exercitar seu pensamento sobre determinado assunto, dialogar e repensar pré definições que tenha sobre o assunto. Quando é realizada essa escuta não há resposta certa ou errada, e sim diferentes ideias sobre o conceito, pois como afirma Santos (1988):

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto, um artista vêem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta. Isso é válido, também, para profissionais com diferente formação e para o homem comum”. (Santos, 1988, p.63)

Para Cavalcanti (1998), assim como Santos (1988), é necessário uma aproximação do conceito de paisagem com o entendimento do lugar. A paisagem é reflexo das sucessivas transformações que o meio é submetido, os lugares se alteram a partir da produção heterogênea do espaço. Além disso, como já citado por Santos (1988), a paisagem está ligada ao conceito de lugar, pois não é formada apenas por dimensões físicas, mas também por vários elementos e impregnada de sentimentos.

Sendo assim, é importante, para atingir a compreensão da paisagem ao seu redor, que o estudante possa identificar os elementos visíveis e refletir sobre o seu cotidiano. Neste exercício de pensar e examinar o lugar em que vive e o que sua vista alcança, oportuniza associar o que já aprendeu sobre paisagens a sua realidade imediata.

Em alguns casos o estudante, apesar de vê-las no seu entorno imediato, não reconhece as interferências humanas como constituintes da paisagem. O espaço urbano, por vezes, não é associado ao conceito. A noção de tudo que é natural sendo paisagem exclui do conceito tais construções humanas, e isso se manifesta nas interpretações do termo quando o estudante é convidado a dar exemplos ou apresentar a definição. Pode ser citado aqui, como exemplo que colabora e reforça esse entendimento sobre o que seria uma paisagem, a pesquisa realizada por Cavalcanti (1998) entre estudantes e professoras do ensino básico a respeito dos conceitos geográficos:

A imagem de paisagem sugerida pelos alunos, na pesquisa de campo, é de uma vista, uma estampa de um lugar bonito. As professoras entrevistadas, sobretudo as de 1ª fase, compartilham dessa imagem, pois também fizeram associação entre paisagem e lugar bonito ou uma vista bonita. (Cavalcanti, 1998, p.100).

Segundo Cavalcanti (1998), ao ensinar é importante destacar que a paisagem não é estática, mesmo que formalmente isso apareça em livros didáticos desta maneira, o que evita

o entendimento sobre paisagem como algo somente natural, não conectado à vida das pessoas. A autora destaca preocupação com a forma de ensinar:

Esse paradoxo, no entanto, encaixa-se bem nas características convencionais do ensino: é tão formal e tão estático que a paisagem é transmitida como conteúdo de ensino, não como algo vivo e construído pelo homem, mas como um conceito, não importando a sua correspondência com o real. Por essa razão pode-se dar ênfase a paisagens naturais, apesar de tão distantes da experiência dos alunos e professores. (Cavalcanti, 1998, p.101).

Porém, há também alguns entendimentos sobre o termo que apontam para direções que incluem elementos da vida humana, mostrando que a construção do pensamento ocorre, em alguns casos, associando as questões naturais às interferências humanas.

Nesse sentido, Santos (1998) afirma que as paisagens são formadas por elementos tanto da esfera natural quanto da esfera artificial, sendo, portanto, heterogêneas, além disso, “é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério” (Santos, 1998, p.67). Essa concepção faz referência a uma sociedade diversa e quanto maior for essa diversidade e complexidade das relações mais o mundo artificial se sobrepõe ao mundo natural, demonstrando essa heterogeneidade nas paisagens.

Por isso, no estudo e no ensino sobre paisagem considerar a importância de estimular a observação de tudo ao redor e identificar na paisagem urbana os elementos que indicam tempos variados de transformação daquele espaço pelo ser humano. Como afirma Ana Fani A. Carlos (2008):

Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida. (Carlos, 2008, p.36)

É interessante destacar que a fotografia de uma paisagem da cidade é a representação de um momento, pois é compreensível considerar esse registro como algo estático. Porém, a cidade é dinâmica tanto historicamente quanto em seu cotidiano. Os movimentos, as construções, o trânsito, a poluição dos vários tipos, entre tantos outros elementos fazem parte dessa paisagem que está em transformação. Ao abordar a cidade como uma paisagem é possível, além de destacar o que é visível, interpretar, também, os acontecimentos não visíveis que a compõe, pois:

Esta paisagem, este instantâneo que surge, à primeira vista aos olhos do pesquisador, não é estático mas preenchido de movimento, de vida, de uma vida rica de relações que o homem (o indivíduo) mantém dia após dia para se reproduzir enquanto ser humano, membro de uma sociedade e enquanto espécie. Sob esta aparência estática

se esconde e revela todo o dinamismo do processo de existência da paisagem, produto de uma relação fundamentada em contradições, em que o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo de desenvolvimento das relações sociais. (Carlos, 2008, p.38).

A paisagem guarda, além de todas essas relações do presente, memórias dos lugares, das transformações que podem ainda estar materializadas ou em lembranças preservadas pela população que viu aquele lugar ser modificado pelo dinamismo social e econômico. Ver uma rua, um bairro, uma parte de uma cidade, é também fazer o exercício de enxergar nessa paisagem as relações que a produziram, pois “o lugar, a paisagem, o território, e até mesmo um recorte regional recebem a marca de um grupo, correspondem a um modo de vida ativo histórico e, reciprocamente, produzem esse mesmo grupo” (Steinke, p.80, 2014).

As paisagens, portanto, são portadoras também de afetividades que as pessoas possuem com os lugares. A lembrança de uma casa antiga que já não existe mais, da rua onde se brincava, do comércio que surgiu no lugar de espaços de lazer, da praça onde todos se encontravam, se relaciona com o presente através dessas memórias, podendo ser estimuladas com as fotografias ou imagens desses lugares e, assim, preservar afetividades e sentimentos de pertencimento aos lugares, pois como afirma Steinke (2014):

As iconografias podem cumprir o papel de registro, de preservar, então, a sabedoria, os desejos, as necessidades, as técnicas e a ética sociais; preservar a paisagem cultural da humanidade é preservar singulares sentidos da vida material intersubjetiva; é uma prática em defesa da memória social. (Steinke, p.82, 2014).

No contexto de sociedade imagética, conceito apresentado por Boris Kossoy (2012) que será abordado mais a frente, é importante salientar o papel da fotografia que são produzidas ao longo do tempo com o intuito de preservar lembranças, exaltar belezas, documentar fatos, contar uma história, retratar pessoas ou situações. O uso da fotografia como produto estético, artístico ou documental, a partir do século XIX, é um ponto de destaque na pesquisa, pois fundamenta as relações que nossa sociedade estabeleceu com imagens e sua produção.

## **CAPÍTULO 2**

### **A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NA GEOGRAFIA**

O capítulo tem por objetivo discorrer sobre o contexto de uma sociedade que utiliza fotografias como forma de comunicação para as mais diversas finalidades individuais ou coletivas, contribuindo para o embasamento metodológico da utilização da produção fotográfica também em sala de aula.

#### **2.1 A SOCIEDADE IMAGÉTICA**

A sociedade imagética, ou “civilização da imagem” como cita Boris Kossoy (2012), é a sociedade que a partir do século XIX passa a produzir e consumir as imagens desde o desejo pessoal à indústria que se formou a partir de então, com a reprodução em massa de fotografias e mais tarde devido à democratização do uso de equipamentos fotográficos. Como afirma Kossoy (2012),

A chamada “civilização da imagem” começa a se delinear de fato no momento em que a litografia, ao reproduzir em série as obras produzidas pelos artistas do princípio do Oitocentos inaugura o fenômeno do consumo da imagem enquanto produto estético de interesse artístico e documental, incluindo-se neste último caso, por exemplo, a obra de artistas-viajantes como Debret, Rugendas entre tantos outros. (Kossoy, 2012, p. 150).

O processo de litografia e, posteriormente, o surgimento da fotografia nas primeiras décadas do século XIX, são os marcos iniciais dessa sociedade marcada pelo uso e comercialização da imagem. A partir desse momento, ocorre a ascensão do consumo das imagens atendendo interesses artísticos e documentais. O autor ainda cita que a civilização da imagem se consolida quando a imagem fotográfica passa a ser veiculada em massa pelos meios de comunicação, como jornais e revistas. Ao longo do século XX, a fotografia se desenvolve com o objetivo de transmitir mensagens ao público de todas as faixas etárias e garantir o consumo das próprias imagens ou do assunto que estava sendo apresentado, sendo uma evidência da relação direta com a sociedade de consumo.

A imagem fotográfica, desde o século XIX, como afirma Kossoy (2012), torna-se um produto a ser consumido pelas diversas classes sociais. Esse consumo ganha uma aceleração com os avanços tecnológicos do final do século XX e início do século XXI. O advento dos meios de comunicação, notadamente da internet, impulsiona o compartilhamento de imagens, fotos, vídeos, principalmente via plataformas de interação, as chamadas redes

sociais. É nesses ambientes virtuais que encontramos um grande volume de informações iconográficas sendo transmitidas a todo o momento. Toda essa exposição imagética tornou as fotografias como algo passageiro e fácil de reciclar em novas fotos que são enviadas para as redes sociais.

O cotidiano dos estudantes é permeado por ferramentas tecnológicas, notadamente informacionais, as chamadas mídias digitais. Essa tecnologia pode auxiliar o trabalho dos professores, tornando mais atrativa a abordagem de conteúdos, e o uso da fotografia nesse contexto torna-se uma ferramenta importante, pois desde muito tempo “as imagens fazem parte da expressão da cultura humana desde as pinturas rupestres pré-históricas” (Steinke, 2014, p. 47) com intuito de comunicar, exemplificar ou expor, seja por motivos pessoais e estéticos ou de difusão da informação.

Isso tudo ocorre simultaneamente à busca por novas abordagens e metodologias no ensino de Geografia que possam dialogar com esse contexto informatizado que faz circular uma grande quantidade de dados entre lugares e pessoas. Por isso, pensar em métodos que inovem a maneira de abordar determinado assunto por meio dessas tecnologias, especialmente da fotografia, pode contribuir com as discussões a realidade de mundo em que vivemos.

Segundo Steinke (2014) a fotografia aliada ao ensino de Geografia, como mediadora de processos pedagógicos, estimula o estudante a analisar as paisagens a partir de seu próprio olhar. É comum o estudante utilizar-se de imagens fotográficas de maneira aleatória e descartável. Com a orientação voltada à compreensão da paisagem, é possível que esse estudante passe a selecionar o que será fotografado com intencionalidade e mais: poderá perceber que existem diferenças em cada fotografia capturada de uma mesma paisagem por diferentes sujeitos, pois cada olhar é único, mas não absoluto.

Nascimento e Steinke (2014) defendem que:

As fotografias representam a realidade selecionada, o olhar do indivíduo sobre algo. As informações contidas nas fotografias podem ter diferentes finalidades, mas, de uma forma geral, expressam informações sociais e/ou ambientais, além de provocar no observador diferentes reações. (Nascimento & Steinke, p.29, 2014).

Para Fantin (2013) a imagem fotográfica é um recorte parcial da realidade imediata do estudante, o que permite ao professor explorar para além do que foi fotografado, analisando a paisagem com base no conhecimento geográfico. Por isso mesmo, é uma metodologia de ensino atrativa, pois estimula a busca por mais informações e análises.

## 2.2. O USO DA FOTOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA GEOGRAFIA

As fotografias, as imagens, mapas, ou seja, os recursos iconográficos já fazem parte da rotina dos estudantes ao abrirem seus livros didáticos de Geografia. Para cada novo assunto as páginas dos livros são preenchidas com informações visuais. Porém,

A imagem, no ensino de Geografia, geralmente é empregada como mera ilustração. Mesmo que os autores de um texto tenham integrado as figuras ao conteúdo, o que nem sempre ocorre, elas não são utilizadas no espaço escolar como complementação do texto ou recurso onde é possível extrair informações e promover a articulação com o conteúdo da escrita (Pontuschka; Paganeli; Cacete, p.278, 2009).

Esses recursos visuais, principalmente quando são fotografias que buscam retratar um assunto, geralmente, não fazem parte da paisagem que o estudante possui quando se desloca de sua casa para a escola ou em sua vida cotidiana. Em uma abordagem, por exemplo, sobre problemas ambientais urbanos em que se destacam as questões de poluição hídrica dos mananciais, um estudante morador de um bairro do município de Cariacica-ES talvez nunca tenha visto a paisagem do rio Tietê na cidade de São Paulo. Este estudante irá compreender o que é poluição hídrica, bem como qual é a paisagem que se faz referência a essa situação, mas talvez não associe os mesmo problemas encontrados no Rio Marinho próximo ao bairro em que mora.

Diante deste problema, do distanciamento do conteúdo com a realidade, é que a aplicação de metodologias que valorizam o imediato da vida deste estudante ganha importância, pois possibilitam a ele relacionar a abordagem teórica com a paisagem que atravessa todos os dias indo para a escola ou voltando para casa. Entra em cena, a escolha pelo uso da fotografia como recurso metodológico que insere o estudante como protagonista da produção do conhecimento, seja reconhecendo em uma foto apresentada a ele os elementos que constituem determinada situação na realidade em que vive ou produzindo esses recursos visuais que ganham sentido quando retratam o seu meio a partir de sua visão e intencionalidade. Pois, como afirma Steinke (2014):

Acreditamos que o uso desse e outros recursos possam servir para estimular o interesse por essa área do conhecimento e a partir daí, conduzir o aluno ao desenvolvimento do raciocínio espacial, via de alcance para uma releitura da realidade, que lhe pertence e qual ele faz parte, em um processo de trocas mútuas e cotidianas. (Steinke, p.159, 2014).

Por experiência docente, verifica-se que a falta de referenciais em seu cotidiano não desperta o interesse a determinados conteúdos, uma vez que não produz no estudante a

curiosidade de entender os fenômenos que acontecem ao seu redor, até mesmo por que o ensino tradicional da Geografia dificulta o reconhecimento e a correlação dos assuntos trabalhados de maneira expositiva com a realidade em que o estudante faz parte.

Por ensino tradicional da Geografia compreende-se a abordagem de conteúdos meramente previstos nos parâmetros curriculares sem a devida adequação ao contexto da turma ou do lugar em que a escola está inserida, e com repetições de conceitos e sua memorização, reproduzindo “um ensino apenas transmitido pelo professor, descolado dos movimentos sociais e da realidade social do país” (Pontuschka; Paganeli; Cacete, p.71, 2009). Tal prática recorrente desmotiva o estudante que somente vê sentido no estudo para obtenção de notas para sua aprovação em provas ou períodos letivos.

Entende-se que mais importante que cumprir o currículo de maneira engessada é construir um diálogo entre os objetos de conhecimento e os processos sociais, econômicos e políticos, e como esses processos transformam e impactam o espaço vivido e que essas correlações façam sentido para ele. Nessa direção, destaca-se o papel da Geografia Escolar, “campo de investigação vinculado ao campo disciplinar da ciência geográfica, porém totalmente orientado ao processo de ensinar e aprender Geografia” (Steinke, p.159, 2014). Ainda, segundo o mesmo autor, a Geografia Escolar:

[...] pressupõe uma aplicabilidade dos conhecimentos ditos geográficos e é pautado pelo currículo, pelo fazer pedagógico do professor, num determinado contexto de tempo e espaço; é, também, orientado a fornecer ao aluno uma possibilidade de leitura de mundo, uma compreensão da realidade, a partir de elementos que lhe sejam significativos ou apresentem a possibilidade de significação. (Steinke, p.159, 2014).

Cabe ao professor de Geografia estimular formas diferentes de compreensão da realidade que se vive através de recursos que possibilitem “tanto a observação, quanto a interpretação e a crítica” (Steinke, p.170, 2014). Agindo assim, o professor estará rompendo com o ensino tradicional da Geografia que se caracteriza por uma “estruturação mecânica de fatos, fenômenos e acontecimentos, divididos em aspectos físicos, aspectos humanos e aspectos econômicos” (Cavalcanti, p. 20, 1998).

Desta maneira, o uso da fotografia como recurso didático relaciona-se com essa nova significação dos fenômenos que ocorrem ao redor do estudante, pois o recurso visual pode, de acordo com sua intencionalidade, retratar e valorizar determinada informação de uma paisagem. Quando se faz o registro fotográfico de uma rua movimentada, por exemplo, podem ser exibidas informações acerca dos fluxos humanos e do cotidiano daquele lugar, identificando nele as relações comerciais de um bairro e como isso movimenta a economia

local, com suas lojas e mercados de pequenos empreendedores ou até mesmo a disputa de espaços com a presença de empreendimentos de maior porte. Esse retrato pode estar disponível ao estudante de forma teórica nos livros didáticos ou na exposição do conteúdo pelo professor de Geografia, mas estão presentes bem próximos a ele, podendo reconhecer e levar para a sala de aula essa informação de forma visual. Vale, nesse sentido, a discussão acerca da paisagem retratada, pois a fotografia,

“apesar de não ter infinitas possibilidades de análise, dada a manipulação da imagem pelo fotógrafo, a interpretação da foto conduz o observador a um imaginário, não somente dos elementos visíveis, mas também das relações intrínsecas” (Steinke, p.164, 2014).

Por isso é importante que o processo de debate vá além de apenas descrever o que foi fotografado, mas pensar e discutir com os estudantes a paisagem retratada, possibilitando o processo de ensino-aprendizagem de forma dialógica com base no real.

Esse processo dialógico torna-se um desafio e pouco atrativo quando os temas da aula não possuem recursos visuais, palpáveis, apelando apenas para o imaginário ou lembrança que os estudantes tenham de determinado lugar ou situação. Determinados conteúdos, de fato, estão fora da realidade imediata do estudante, mas o uso da fotografia, ou uma imagem sobre o assunto, ilustra a fala do professor, pois a utilização de uma imagem ou fotografia complementa a abordagem teórica. Um exemplo: quando a temática está centrada em relações geopolíticas e econômicas em outro continente, a escola e a vida do estudante estão distantes fisicamente dessas situações. Nessa condição, o assunto é discutido através da compreensão das implicações que aquele acontecimento do outro lado do mundo tem provocado localmente, e a abordagem em sala de aula ocorre através da análise das consequências desses processos na paisagem imediata deste público de estudantes, recorrendo a interpretação de fotografias produzidas por eles, representando o lugar em que vivem, com a identificação e correlação dos acontecimentos locais com as situações globais.

“As fotografias são recursos passíveis de serem produzidos pelo(s) próprios(s) sujeito(s) da aprendizagem. Nessa perspectiva, ao serem feitas pelos alunos, se estabelece outro ambiente de significação e por conseguinte, de valoração, que possibilita apresentar olhares diferenciados de um determinado lugar, paisagem, cultura e contexto social. A oportunidade de apresentar outros olhares sobre um mesmo objeto, uma dada paisagem, um determinado lugar ou fenômeno, constitui-se um forte atrativo de motivação à participação, condição imprescindível a um ambiente dialógico”. (Steinke, p.174, 2014)

Fotografar o local vivido pode suscitar nos estudantes a curiosidade e novos olhares sobre os fenômenos políticos, econômicos e sociais que ocorrem próximo da sua casa, da sua escola, do seu bairro ou da sua cidade. Torna-se possível um despertar para uma

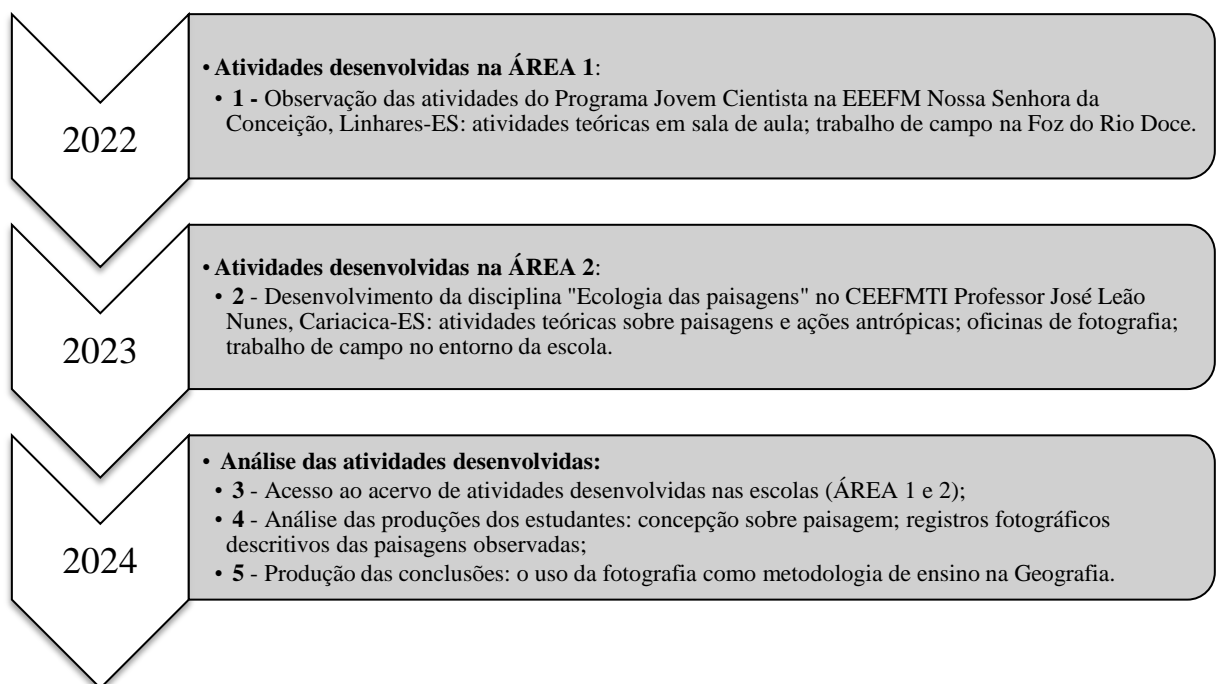
paisagem que se modifica ao longo do tempo e entender quais são os atores que provocam essa transformação. Estimular o olhar através da fotografia, que requer intencionalidade, provoca naquele que fotografa uma atenção extra sobre a paisagem que observa, pois para realizar o registro fotográfico é necessário escolha e atenção ao assunto a ser fotografado, analisar o entorno, escolher o melhor ângulo, o melhor posicionamento, e outros elementos que constituem técnicas básicas da fotografia, tais como foco, iluminação e enquadramento. Nesse processo de criação, o estudante se envolve na tentativa de compreender a paisagem, refletindo sobre o que há nesta vista, quais são os elementos que constituem esse espaço e como e por qual motivo gostaria de representá-los.

### CAPÍTULO 3

## ANÁLISE METODOLÓGICA DO USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO DE INTERPRETAÇÃO DE PAISAGENS

Neste capítulo são apresentadas análises de metodologias com o uso da fotografia como recurso para as aulas de Geografia, especialmente para a interpretação de paisagens. O objetivo desta análise é discorrer sobre as possibilidades metodológicas e sua reaplicação no ensino da Geografia. Foram analisadas atividades desenvolvidas nas áreas 1 e 2, na planície do baixo curso do Rio Doce, Linhares-ES, e meio urbano na planície do Rio Marinho entre os municípios de Cariacica e Vila Velha-ES, respectivamente<sup>10</sup>. A apresentação metodológica se dividiu em duas partes correspondendo aos momentos distintos da pesquisa nas duas áreas supracitadas, com o objetivo de identificar as possibilidades do uso da fotografia para a descrição da paisagem e compreensão dos fenômenos fotografados em diversos espaços.

**Figura 1 - Infográfico do fluxo metodológico da pesquisa**



Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

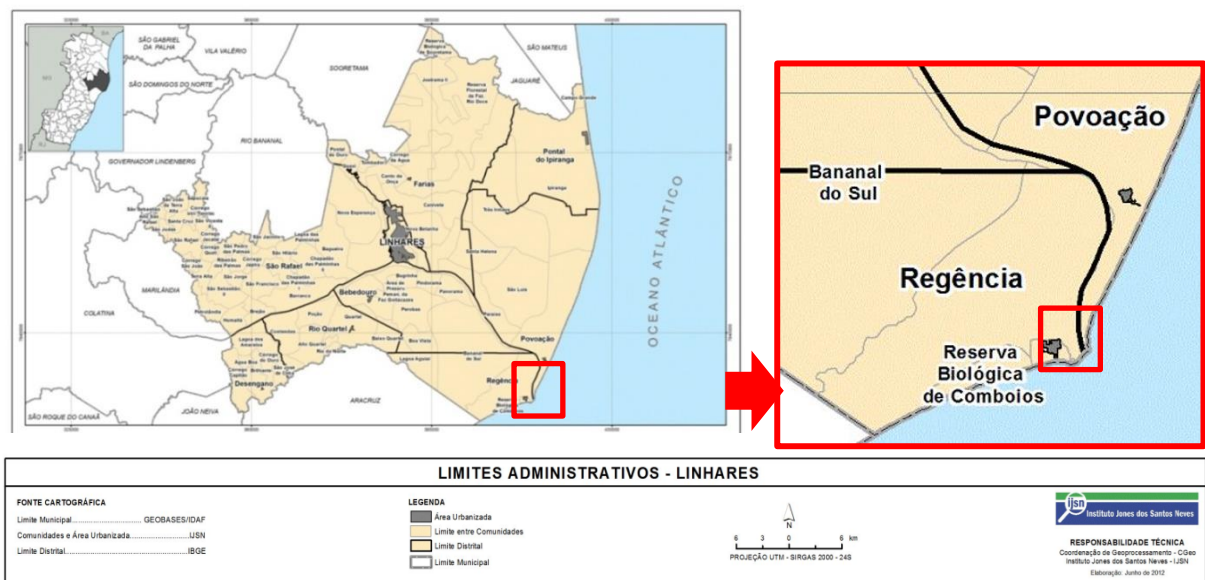
<sup>10</sup> A pesquisa se baseou em fontes obtidas em acervos das escolas EEEFM Nossa Senhora da Conceição, Linhares-ES, e do CEEFMTI Professor José Leão Nunes, Cariacica-ES. Foram acessadas informações de atividades desenvolvidas por turmas de estudantes do Ensino Médio em metodologias de campo e registros fotográficos. Tais atividades, quando envolvem saídas externas, são arquivadas para consultas futuras e controle de secretaria quanto a autorizações de saída a campo, emitidas pelas Superintendências Regionais de Educação, bem como também assinadas pelos pais/responsáveis dos estudantes.

### 3.1. EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS: O ESTUDO DO MEIO NA REGIÃO DA BACIA DO RIO DOCE, LINHARES-ES.

No ano de 2022, a pesquisa concentrou-se em analisar os dados e informações das atividades dos estudantes da EEEFM Nossa Senhora da Conceição, localizada no município de Linhares-ES, denominada nesta pesquisa de “ÁREA 1”. As atividades observadas são do Projeto Jovem Cientista organizado e conduzido pela UNESCO no Brasil em parceria com a Fundação Renova.

A região em questão foi uma das que sofreram com os rejeitos de mineração originados do rompimento da barragem de Fundão, no município de Mariana-MG. Os rejeitos percorreram todo o leito do Rio Doce até sua foz na localidade de Regência, litoral do município de Linhares-ES.

**Figura 2** - Mapa com os limites do município de Linhares – ES (ÁREA 1)



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN. Disponível em <https://ijsn.es.gov.br/>. Acesso em 22/11/2022

**Figura 3** - Fotografia aérea da chegada dos rejeitos de mineração à foz do Rio Doce, Regência, Linhares-ES



Fonte: Lama do Rio Doce se encontra com o mar em Regência, Linhares. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/ha-5-anos-a-lama-de-rejeitos-de-mineracao-chegava-a-foz-do-rio-doce-1120>. Acesso em 29 de novembro de 2022.

Para mitigar os impactos provenientes dessa tragédia ambiental, a Fundação Renova foi criada com recursos das empresas envolvidas, proprietárias das minas extrativistas e responsáveis pelos rejeitos da atividade mineradora na região de Mariana-MG. Uma das iniciativas para monitorar e reduzir os danos socioambientais no vale do Rio Doce foi a implementação de ações voltadas às comunidades das margens ao longo do rio.

Entre essas ações se destaca as atividades com estudantes de escolas públicas na região de Linhares, como aquela que forneceu subsídios para esta pesquisa que acompanhou, observando, o desenvolvimento do programa Jovem Cientista no âmbito do projeto Ciência Cidadã, organizado e conduzido pela UNESCO no Brasil, em atividades em aulas de Biologia e Geografia na escola EEEFM Nossa Senhora da Conceição, com a participação de 23 estudantes nesta etapa da pesquisa, oferecendo abordagens teóricas e práticas, como oficinas de fotografias e reconhecimento de paisagens. Os produtos dessas atividades foram analisados com o objetivo de verificar a compreensão dos estudantes sobre os conteúdos teóricos quando aplicados na realidade imediata deles com o auxílio de recursos como a fotografia para representar e contextualizar seu aprendizado.

Em um primeiro momento, durante o desenvolvimento das atividades conduzidas pelos professores de Biologia e Geografia, acompanhou-se a abordagem teórica com a redação de respostas sobre temas relacionados às questões ambientais e sobre paisagens geográficas.

**Figura 4** - Participação dos estudantes em atividade teórica



Fonte: Fotos capturadas pelo autor durante aula de Geografia, 2022.

**Figura 5** - Participação dos estudantes em atividade teórica



Fonte: Fotos capturadas pelo autor durante aula de Geografia, 2022.

Oralmente, foi questionado aos estudantes o conceito de paisagem. A partir desse questionamento, ocorreram questões sobre os tipos de paisagens: paisagens naturais e paisagens humanizadas. Houve uma diversidade de respostas, mas uma chamou a atenção por relacionar o conceito de natural com áreas verdes, pois segundo um dos estudantes “um pasto com gado é natural porque tem mato”. Essa resposta chamou a atenção, pois previamente indicou uma discussão que veio surgir na pesquisa a partir das concepções dos estudantes sobre paisagens naturais e paisagens humanizadas.

Na sequência das aulas expositivas e dialogadas os estudantes participaram de oficina de fotografia oferecida pelo programa Jovem Cientista (UNESCO), para compreenderem conceitos básicos com o objetivo de fotografar os ambientes a serem visitados na etapa de campo.

O curso apresentou conceitos básicos de fotografia geral até técnicas mais específicas de fotografia de natureza, utilizando o celular, pois a fotografia tem sido utilizada cada vez mais como um instrumento de apoio à ciência. Através dela é possível identificar espécies nativas, registrar animais migratórios e monitorar a flora e fauna local, dando ênfase ao monitoramento participativo da biodiversidade. (Lima, Repossi, Lo Sardo, 2023, p.29).

**Figura 6** - Prática de fotografia com estudantes em Linhares-ES.



Fonte: Programa Jovem Cientista – UNESCO (Lima, Repossi, Lo Sardo, 2023, p.29).

Os estudantes, em seguida, participaram de trabalho de campo na foz do Rio Doce, na localidade de Regência, Linhares-ES, recepcionados pela equipe de educação ambiental do Projeto Tamar. O objetivo foi o reconhecimento dos aspectos da vegetação e a biodiversidade associada aos ecossistemas aquáticos e terrestres, além de compreender os impactos antrópicos no meio visitado. O estudo do meio, sendo uma “metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico” (Pontuschka; Paganelli; Cacete; 2009, p.173), proporciona o

estudante a entender sua realidade imediata, verificando transformações que o espaço sofre ao longo de tempo com as atividades humanas.

**Figura 7 - Aula de campo na ÁREA 1**



Fonte: Atividade de aula de campo conduzida por equipe técnica da UNESCO no Brasil e Projeto Tamar, Vila de Regência, Linhares-ES. Em 27 de outubro de 2022.

**Figura 8 - Aula de campo na ÁREA 1**

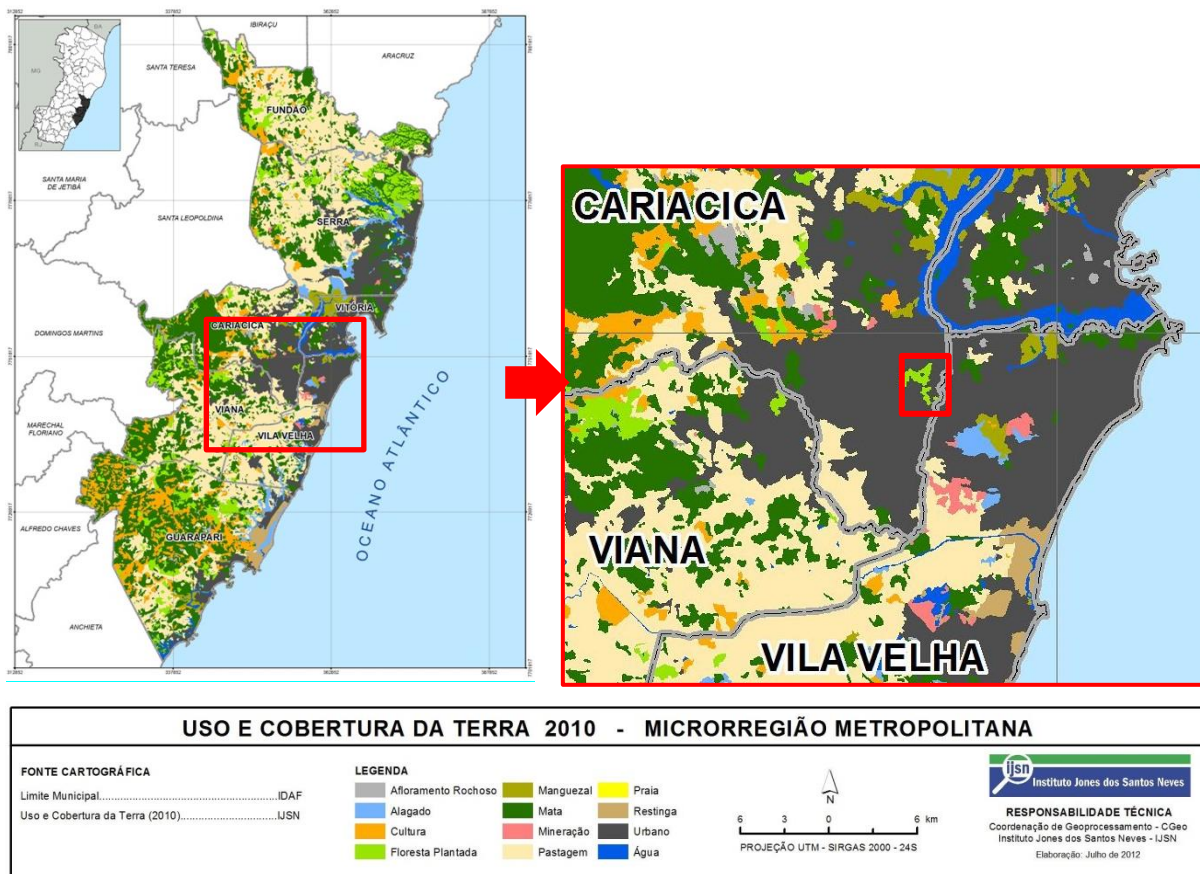


Fonte: Atividade de aula de campo conduzida por equipe técnica da UNESCO no Brasil e Projeto Tamar, Vila de Regência, Linhares-ES. Em 27 de outubro de 2022.

### 3.2. EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS: O ESTUDO DO MEIO NA REGIÃO DA PLANÍCIE URBANA DO RIO MARINHO, CARIACICA-ES.

A partir de 2023, a pesquisa prosseguiu com levantamento de informações sobre a prática de ensino utilizando recursos fotográficos e o entendimento do meio através de saída a campo com estudantes no CEEFMTI Professor José Leão Nunes, escola localizada em Cariacica-ES, na região da planície fluvial densamente ocupada do Rio Marinho, um curso natural com características fluviomarinhas compondo parte do ambiente estuarino da baía de Vitória<sup>11</sup>, que segundo D'avilla (2018, p.78) possui, aproximadamente, 8,5 km de extensão, drena uma área de 34km<sup>2</sup>, no sentido sul-norte em área predominante de planície próximo à costa. A região foi denominada “ÁREA 2” nesta pesquisa e abrange tanto o município onde está a escola quanto o município vizinho Vila Velha-ES, sendo uma área de densa ocupação humana e impactos ambientais.

**Figura 9** - Mapa dos limites do município da Grande Vitória-ES (ÁREA 2)

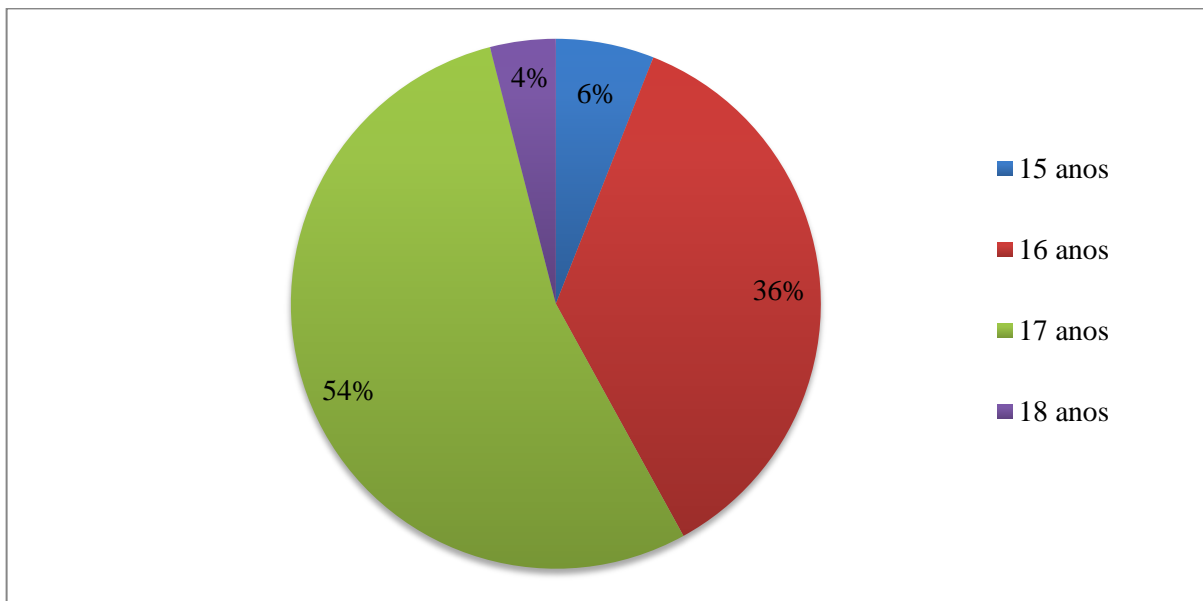


Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN. Disponível em <https://ijsn.es.gov.br/>. Acesso em 29/04/2023

<sup>11</sup> Secretaria de Meio Ambiente, Vila Velha, 2014, p.43.

Para entender melhor o público discente, nessa etapa da pesquisa, coletaram-se informações das séries finais do Ensino Médio junto à escola, de maneira geral, para determinar o perfil socioeconômico destes estudantes. As turmas que participaram das atividades analisadas nesta etapa totalizaram 54 concluintes do Ensino Médio. A grande maioria deles possuía, na ocasião, entre 16 anos (36%) e 17 anos (54%), os demais tinham 15 anos (6%) e 18 anos (4%).

**Gráfico 1** - Distribuição de idades dos estudantes participantes.

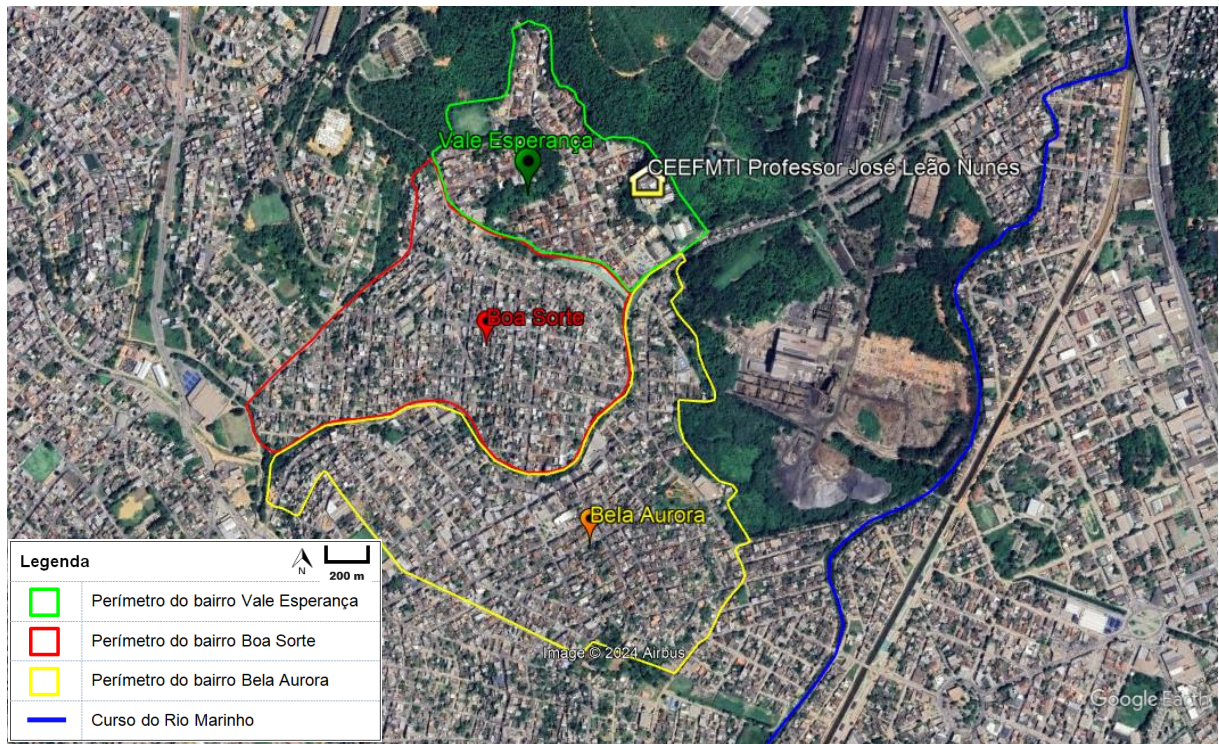


Fonte: Secretaria do CEEEFMTI Professor José Leão Nunes. Elaborado pelo autor, 2023.

Verifica-se que são estudantes que teriam em sua grade curricular determinados conteúdos prévios e capacidade de abstração e análise, fundamentais para o entendimento de conceitos abordados pela Geografia presentes tanto na Base Nacional Comum Curricular quanto nas Orientações Curriculares no âmbito da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo – Sedu. Além disso, as idades pressupõem um grau maior de repertório cultural relacionado ao acesso de informações a partir de variadas fontes e com maior autonomia.

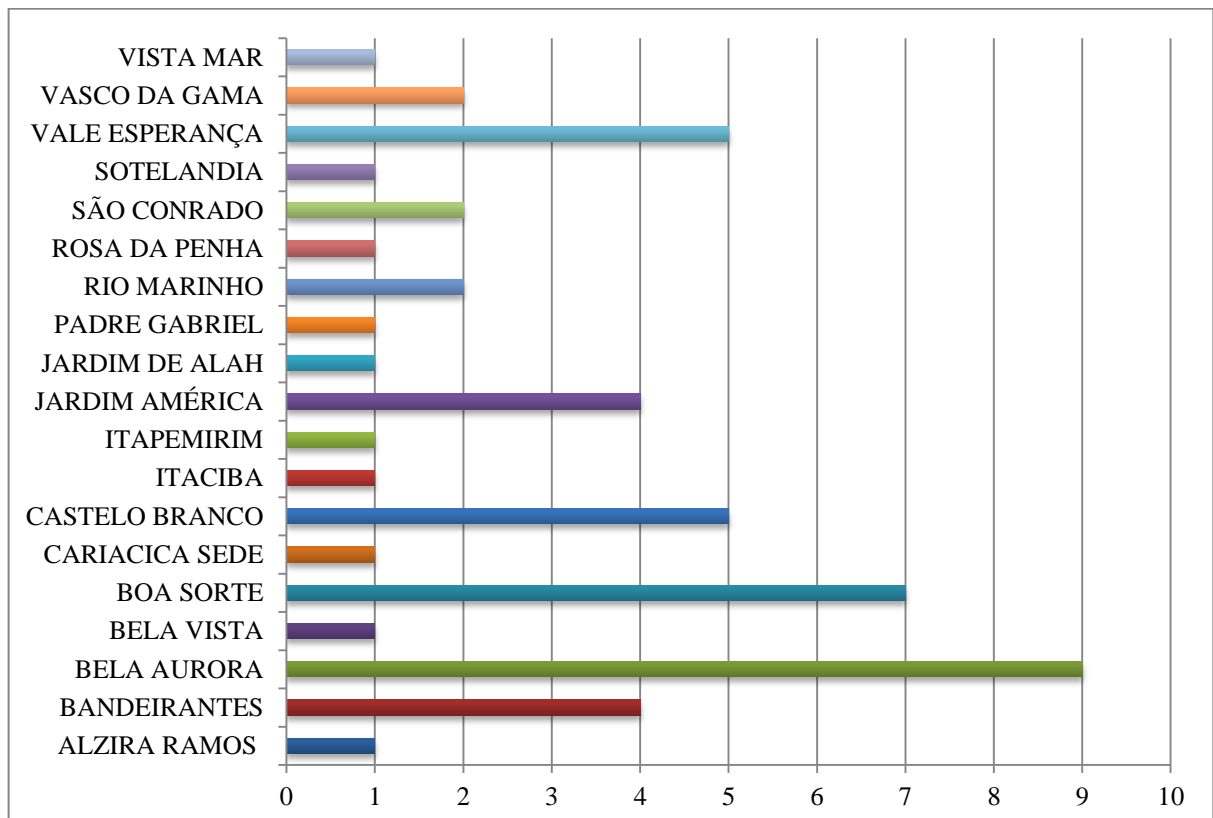
Aproveitando a consulta sobre o perfil socioeconômico, com o intuito de vincular a interpretação das paisagens com o sentimento de pertencimento aos lugares visitados nos momentos de trabalho de campo, levantaram-se dados sobre a origem desses estudantes dentro da cidade. Tal pesquisa documental permitiu concluir que a maioria desse público pertence ao próprio bairro da escola e suas redondezas.

**Figura 10** - Bairros e seus limites nas proximidades da escola



Fonte: Google Earth e Plano de Organização Territorial (POT) de Cariacica-ES. Disponível em <https://www.cariacica.es.gov.br/pagina/pot>. Acesso em 05 de maio de 2024.

**Gráfico 2** - Bairros de residência dos estudantes participantes.



Fonte: Secretaria do CEEFMTI Professor José Leão Nunes. Elaborado pelo autor.

Do total analisado, 18% são moradores do bairro Bela Aurora, 14% são do bairro Boa Sorte e outros 10% do bairro Vale Esperança, sendo os bairros mais próximos da escola. Os demais estudantes são de bairros próximos a esses e até mesmo mais distantes dentro da cidade. Esses bairros fazem parte de uma região de crescimento urbano acelerado após a década de 1960 com os primeiros loteamentos de antigas fazendas adquiridas por empresas de empreendimentos imobiliários<sup>12</sup>.

Após a consulta dos dados socioeconômicos, a pesquisa concentrou-se em analisar as atividades realizadas no âmbito das disciplinas chamadas de eletivas no CEEFMTI Professor José Leão Nunes, unidade escolar que faz parte do conjunto de escolas de tempo integral da rede estadual de ensino do Espírito Santo. Neste ponto, vale explicar, mesmo que brevemente, o que são as disciplinas eletivas: são componentes curriculares elaborados e ofertados, trimestralmente, por duplas de professores de áreas de conhecimento diferentes. É uma disciplina que deve envolver aprofundamentos da base curricular, estabelecendo um diálogo com práticas e vivências.

A Eletiva é um componente da parte diversificada do currículo das escolas com oferta de Educação em Tempo Integral, que tem por objetivo complementar e enriquecer a Base Nacional Comum (BNC) a partir do estudo dos diferentes contextos, considerando as diversidades e particularidades históricas, culturais, regionais, sociais, ambientais, políticas e econômicas do território capixaba, contribuindo para a formação integral do educando e a realização dos seus projetos de vida. (Paula; Martins; Ângelo, 2023, p.327)

Os estudantes escolhem uma disciplina eletiva para cursar no período de um trimestre, formando turmas multiseriadas, porém agrupadas de acordo com o nível de ensino, Fundamental ou Médio. Cada disciplina possui sua ementa própria, com conteúdos, metodologias, critérios avaliativos e proposta de culminância. No primeiro e segundo trimestres de 2023, foi ofertada por professores<sup>13</sup> da unidade escolar a disciplina “Ecologia das Paisagens” que serviu de base de análise desta pesquisa.

A eletiva consultada apresentou como objetivos o estudo do meio, a interpretação de paisagens e o uso de recursos fotográficos, além de outras abordagens de maneira interdisciplinar. Vale destacar que a disciplina trouxe como ementa o estudo da ecologia de paisagens, com uma abordagem geográfica, que analisa as interferências antrópicas no meio, e uma abordagem ecológica, que problematiza a importância do meio sobre os processos

---

<sup>12</sup> História dos bairros em reportagens do Jornal A Tribuna datadas de 22 de novembro de 2002 e 02 de abril de 2004. Disponível em <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/>. Acesso em 05 de maio de 2024.

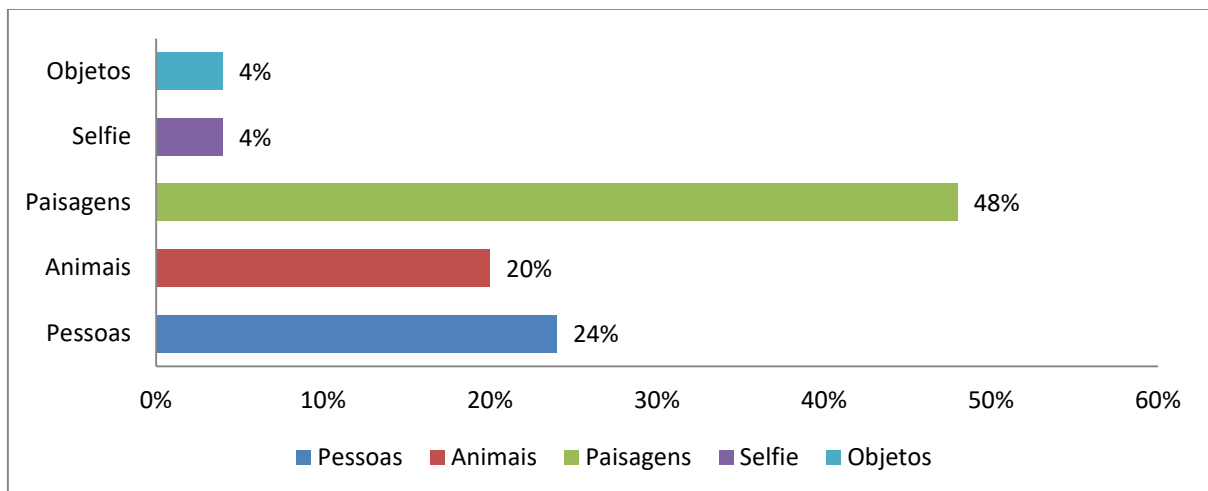
<sup>13</sup> Nesta etapa da pesquisa, o pesquisador era o professor regente de turma responsável pela condução das atividades.

ecológicos. Portanto, a atividade buscou proporcionar ao estudante um olhar sobre as transformações provocadas pelo ser humano no meio em que vive.

Uma das atividades realizadas pela disciplina “Ecologia das Paisagens”, foi a investigação prévia sobre o acesso a equipamentos fotográficos e o grau de conhecimento sobre o manuseio e técnicas de fotografia. Para esse objetivo, aplicaram-se questões de sondagem de conhecimentos básicos em oficinas de fotografia conduzidas pelos professores da disciplina. Tais informações ficaram registradas e arquivadas junto aos planejamentos das aulas da disciplina em formato online (Google Forms) e acessados, com autorização da equipe pedagógica da escola, para análise desta pesquisa.

Verificou-se, através desta consulta, que todos os estudantes possuíam acesso a equipamentos celulares com recurso de câmera digital integrada, sendo que a maioria (48%) tem preferência em fotografar paisagens e se sentem motivados, principalmente, registrar “paisagens bonitas”, conforme indica o gráfico 3.

**Gráfico 3 - O que você gosta de fotografar?**



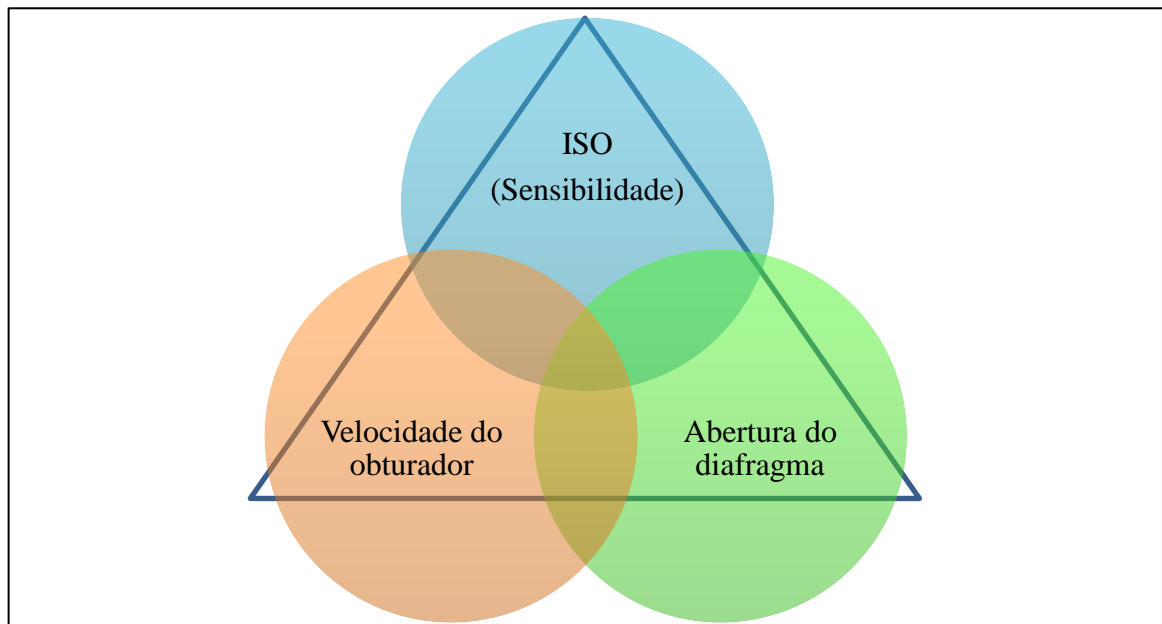
Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

O conhecimento sobre o uso e técnicas de fotografia, tais como a manipulação do equipamento em relação a foco, enquadramento e iluminação, apresentou-se como básico, porém o público em questão é familiarizado com tais recursos tecnológicos fazendo uso cotidianamente. Após o levantamento de dados dos estudantes e consulta às respostas sobre o entendimento do conceito de paisagem, a análise concentrou-se nas atividades práticas de oficinas de fotografia<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> As oficinas foram oferecidas no âmbito da eletiva “Ecologia das Paisagens”, com condução do professor de Geografia que, posteriormente, com autorização da instituição utilizou os produtos da disciplina para o embasamento da atual pesquisa.

As oficinas oferecidas tiveram o objetivo de aprofundar as técnicas para formar fotógrafos profissionais, mas fornecer subsídios básicos para a compreensão e aplicação prática da fotografia voltada aos objetivos das atividades desenvolvidas na disciplina eletiva. Nesse sentido, mesmo que brevemente, cabe uma explicação sobre os principais parâmetros da fotografia utilizados nas oficinas com os estudantes: uma das primeiras definições apresentadas foi o conceito de fotografia que se traduz em escrever com a luz. A partir dessa definição, destacam-se na exposição os conceitos básicos para a produção, tais como o uso de equipamentos, do analógico ao digital, a composição fotográfica, o enquadramento, o foco, além do triângulo da exposição: abertura do diafragma, velocidade do obturador e sensibilidade à luz (ISO<sup>15</sup>).

**Figura 11** - Triângulo da exposição



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Cada câmera fotográfica seja analógica, digital ou mesmo a de celulares, há um sensor que transforma a luz captada em imagem. Para controlar a quantidade de luz que o sensor da câmera irá receber o parâmetro utilizado é a abertura do diafragma. O diafragma é um orifício dentro da lente pelo qual a luz passa. Quanto maior for a abertura do diafragma, mais luz entrará na câmera e vice-versa. Associada à abertura do diafragma utiliza-se a velocidade de captura que é o tempo que obturador da câmera ficará aberto para entrada de luz. O obturador é uma espécie de cortina que fica à frente do sensor da câmera, permitindo

<sup>15</sup> International Organization for Standardization

que a luz entre somente no momento do clique da foto. Quanto maior for a velocidade da captura, maior será a velocidade do obturador e menos luz entrará na câmera e o contrário também se aplica. De acordo com Ramalho (2017),

Combinar o tamanho da abertura do diafragma da objetiva com o tempo que o obturador fica aberto expondo o sensor à luz é chamado de exposição. A correta exposição é aquela que produz uma imagem que não é nem clara demais, nem escura demais, retratando fielmente a luz que estava iluminando o assunto da fotografia. (Ramalho, p.118, 2027).

A partir da abertura do diafragma e da velocidade do obturador, é possível controlar a qualidade da imagem com o ISO que se refere à sensibilidade do sensor à luz. A luz passa pela abertura do diafragma e é filtrada através da velocidade do obturador. Depois disso a luz atinge o sensor da câmera. Quanto menor for o ISO, menor será a sensibilidade. O ISO está diretamente ligado ao brilho da imagem, porém, à medida que você aumenta o brilho, a qualidade da imagem diminui – causando um efeito chamado “granulação” ou ruído digital. Portanto, lugares mais escuros o ideal é aumentar o ISO para captar mais luz e o contrário, em ambientes mais claros, como a fotografia de rua durante o dia, o ideal é diminuir o ISO para reduzir a captura de luz pelo sensor.

A escolha do assunto da foto, o enquadramento, a posição, e as noções básicas sobre as técnicas de iluminação a partir do triângulo de exposição garantiu que os estudantes escolhessem fotografar com intencionalidade, ou seja, antes de dar o clique da foto pudessem refletir sobre o que, como e por que realizar seus registros fotográficos. Foram ofertadas duas oficinas aos grupos participantes, dentro da escola com aplicação prática dos parâmetros no ambiente escolar.

A primeira oficina fez uma abordagem sobre a origem e a evolução da fotografia nos séculos XIX e XX, e como este recurso revolucionou a maneira como as pessoas veem um mundo que “tornou-se portátil e ilustrado” (Kossoy, p.30, 2020), os equipamentos utilizados ao longo da história e atual estágio da fotografia digital com a utilização dos celulares como recursos também de registros fotográficos. A segunda oficina concentrou-se na abordagem prática em que os estudantes puderam exercitar as técnicas, entender o funcionamento da câmera e olhar o seu entorno para fotografar.

As abordagens teóricas e os exercícios práticos trabalhados nas oficinas com as turmas participantes serviram de base para ir a campo, com o objetivo de reconhecer a paisagem urbana e expressar por meio da fotografia as interações humanas com o meio. A provocação para fotografar foi responder por meio de fotos a pergunta que gerou a discussão

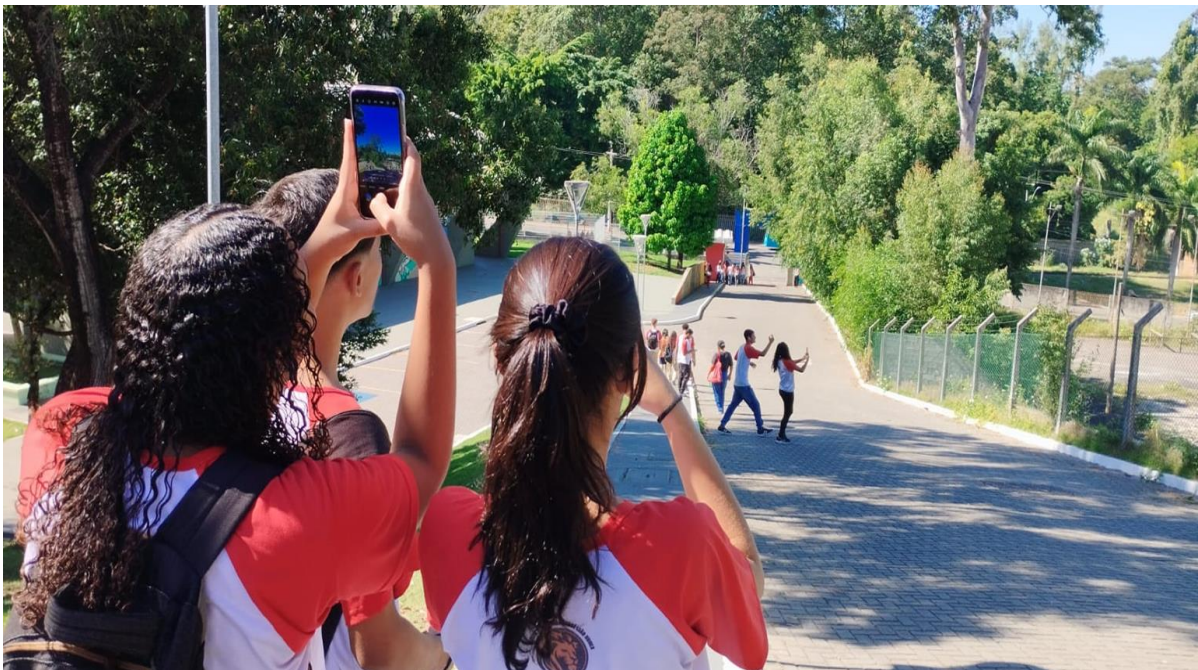
da disciplina eletiva: o que é paisagem para você? A seguir, a localização dos pontos visitados no entorno da escola e os registros do trabalho de campo.

**Figura 12** - Imagem de satélite da área com os pontos visitados pelos estudantes (Área 2)



Fonte: Aplicativo Google Earth. Acesso em 05 de agosto de 2023.

**Figura 13** - Ponto de observação 1 do trabalho de campo na ÁREA 2.



Fonte: o próprio autor. Saída da escola, bairro Vale Esperança, Cariacica-ES, a partir do ponto de observação 1.

**Figura 14** - Ponto de observação 2 do trabalho de campo na ÁREA 2.



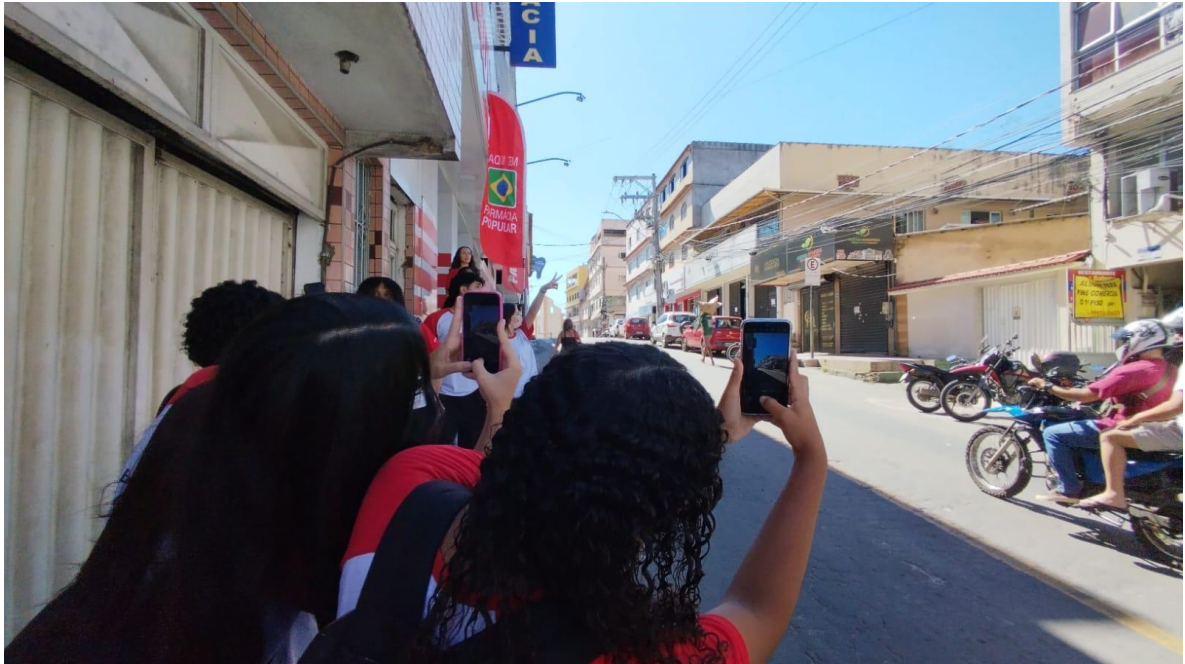
Fonte: o próprio autor. Vista do bairro Boa Sorte, Cariacica-ES, a partir do ponto de observação 2.

**Figura 15** - Ponto de observação 3 do Trabalho de campo na ÁREA 2.



Fonte: o próprio autor. Rua de acesso ao bairro Bela Aurora, Cariacica-ES, a partir do ponto de observação 3.

**Figura 16** - Ponto de observação 3 do trabalho de campo na ÁREA 2.



Fonte: o próprio autor. Rua principal do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.

**Figura 17** - Ponto de observação 4 do Trabalho de campo na ÁREA 2.



Fonte: o próprio autor. Antigo caminho de estrada de ferro entre os bairros Bela Aurora e Boa Sorte, Cariacica-ES.

**Figura 18** - Ponto de observação 5 do trabalho de campo na ÁREA 2.



Fonte: o próprio autor. Fotomontagem do ponto de observação 5 a partir bairro Boa Sorte para o bairro Bela Aurora, Cariacica-ES, com vista em terceiro plano da empresa siderúrgica presente no bairro.

**Figura 19** - Ponto de observação 6 do trabalho de campo na ÁREA 2.



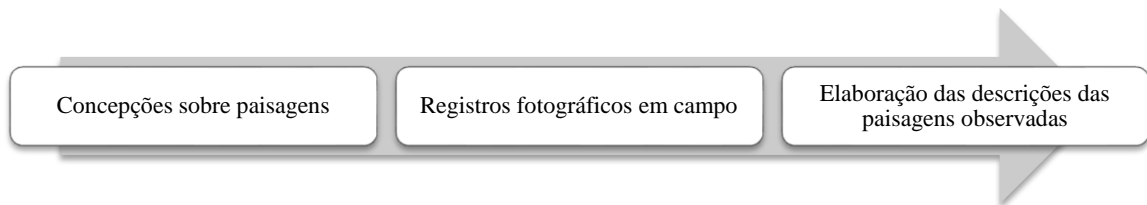
Fonte: o próprio autor. Ponto de observação 6 a partir do bairro Boa Sorte para o Bairro Vale Esperança, Cariacica-ES, com vista em terceiro plano a área de mata que separa a escola da empresa siderúrgica.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta etapa da pesquisa, apresenta-se a análise das atividades desenvolvidas nas escolas participantes. A partir da consulta à sondagem dos conhecimentos prévios foi possível categorizar as respostas dos estudantes de acordo com suas concepções e associá-las às produções fotográficas realizadas nas etapas de campo. Com isso, são estabelecidas conclusões sobre o uso da fotografia como recurso didático na Geografia. Para obter os resultados da pesquisa foram consideradas as concepções sobre o conceito de paisagem, as fotografias produzidas e suas descrições.

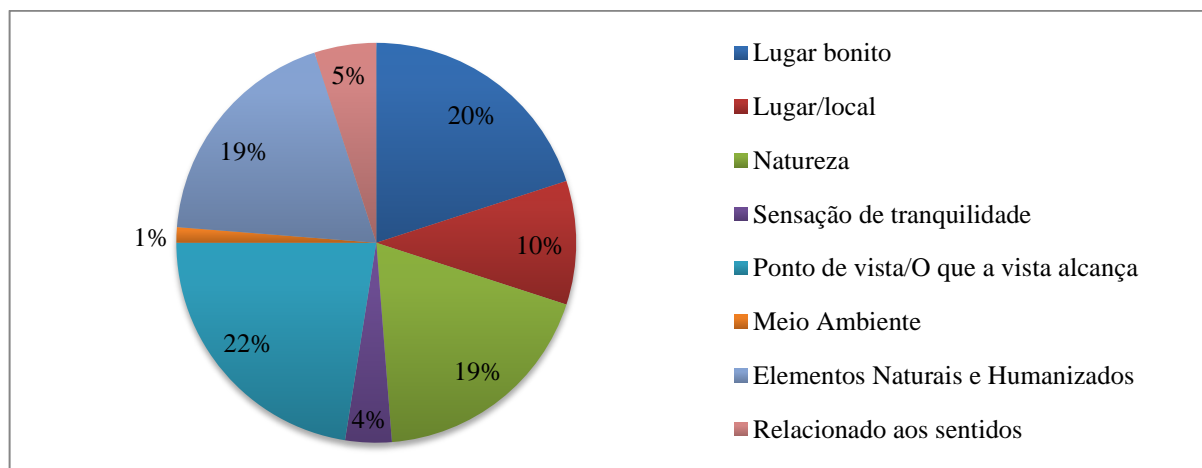
**Figura 20** – Fluxo da pesquisa.



#### 4.1. O ENTENDIMENTO DE PAISAGEM PELOS ESTUDANTES

Ao longo das consultas às atividades desenvolvidas nas escolas participantes, na etapa de escrita dos estudantes sobre o conceito de paisagem, a coleta das respostas teve como finalidade identificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto e, posteriormente, associá-las à produção fotográfica realizada por eles. As definições sobre o conceito de paisagem elaboradas pelos estudantes são apresentadas de maneira categorizada no gráfico 4.

**Gráfico 4** - Categorização das respostas dos estudantes sobre o conceito de paisagem.



Fonte: elaborado pelo autor, 2024.



Nota-se que o a palavra “lugar” aparece em grande destaque, indica que grande parte dos estudantes associa o conceito de paisagem à ideia de lugar. Nas respostas o termo é utilizado junto à outra palavra também em destaque na nuvem: bonito, conforme já havia sido constatado quando se categorizou as respostas. Entre várias definições as duas palavras aparecem associadas, isso mostra que os estudantes possuem uma ideia “estereotipada, uma imagem, é um lugar idealizado, idílico” (Cavalcanti, 1998, p.49), uma referência a uma bela vista ou um belo lugar. Um exemplo disso é a resposta: “paisagem pra mim é um espaço usado pelas pessoas para fazerem fotografias e ficar admirando como a praia, montanhas, cachoeiras, rios, florestas, cavernas e lugares que nevam” (Estudante 43), assim como o estudante que considera paisagem “qualquer lugar, mas tem lugares muito bonitos que valoriza bem mais a visão do lugar” (Estudante 15). Na resposta desse estudante, paisagens são formadas por elementos que não fazem parte do seu cotidiano, mas estão em seu imaginário ou lembrança.

Importante destacar que essa relação de paisagem com lugar não necessariamente está se referindo ao bairro que mora, mas que o estudante possui certa relação de afetividade. Uma das respostas coletadas identifica essa ideia: “Na minha opinião é um lugar bonito ou interessante, onde as pessoas vão se divertir ou tirar fotos” (Estudante 27). Para esse estudante, a paisagem é um cenário, um lugar bonito para se fotografar. Nesse caso, apesar de não associar o lugar também aos processos de interferência humana, por exemplo, construções, ruas, trânsito entre outros elementos que compõe sua realidade, a resposta apresenta o lugar como “o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do experienciado” (Cavalcanti, p.89, 1998), e também à ideia de lugar apresentada por Santos (1988), associada aos sentimentos que a pessoa possui em relação àquele meio. O lugar citado pelo estudante, apesar dessas afeições, não é o dele, é outro, e, novamente, como afirma Cavalcanti (1998), é uma imagem generalizada pelo senso comum.

Paisagem e natureza é outra relação que aparece com frequência nas respostas. Muitas vezes associadas também a algo bonito, uma vista bonita, em destaque a elementos de ambientes como florestas, praias, montanhas entre outros. Novamente, o conceito é associado a uma imagem idealizada e deslumbrante, tal como o estudante afirma quando diz que “na minha opinião, é tudo que envolve a natureza, paisagem é algo incrível e bonito que temos o desejo de fotografar” (Estudante 44) ou quando outro estudante afirma que “paisagem é caracterizada pela natureza” (Estudante 33) e uma resposta similar quando o estudante afirma que “Natureza, tudo que o humano não faz” (Estudante 4). É um padrão de resposta muito comum, e evidencia uma noção de distanciamento da realidade imediata dos estudantes. Essa

análise já havia sido feita por Cavalcanti (1998) em trabalho de pesquisa sobre conceitos geográficos com estudantes e professoras do ensino fundamental:

É interessante notar que os alunos não fizeram distinção entre esses dois tipos de paisagem e enfatizaram justamente a paisagem natural, praticamente desaparecida na atualidade e, além disso, pouco presente nas suas “vidas urbanas”. Parece que esse conceito fica associado a algo distante de seus lugares, de suas vidas, de suas realidades, pertencendo mais a um mundo de sonho, místico, sagrado. Esse paradoxo, no entanto, encaixa-se bem nas características convencionais do ensino: é tão formal e tão estático que a paisagem é transmitida como conteúdo de ensino, não como algo vivo e construído pelo homem, mas como conceito, não importando a sua correspondência com o real. (Cavalcanti, p.100, 1998).

Os estudantes participantes desta pesquisa, em sua maioria, também vivem em áreas urbanas, e, portanto, lugares em que os aspectos naturais, tais como são citados em suas respostas, não são tão presentes. Com base na descrição da pesquisa de Cavalcanti (1998) e desta atual, verifica-se que o modo de ensinar o conceito de paisagem, em termos gerais, não se alterou, ou alterou pouco, mesmo passados alguns anos desde a publicação do seu trabalho, pois as concepções apresentadas são muito similares. Nesta atual pesquisa, a ideia de paisagem ligada a lugares bonitos e a natureza somam 39% das respostas coletadas, mostrando que é significativo o número de estudantes que aprendem o conceito ainda de maneira tradicional, ou seja, “pela estruturação mecânica dos fatos, fenômenos e acontecimentos, divididos em aspectos físicos e aspectos humanos” (Cavalcanti, 1998, p.192).

Ainda sobre a palavra lugar nas respostas dos estudantes, porém dissociada da ideia de uma vista bonita, algumas definições descrevem a paisagem como um lugar com um conjunto de elementos. Por exemplo, na resposta: “É um lugar cheio de coisas, como florestas e cidades” (Estudante 42). Outro estudante afirma que é “aquilo que você consegue ver em um espaço com vários objetos e detalhes” (Estudante 10), ou ainda a resposta do estudante que afirma que “é tudo aquilo que os olhos veem” (Estudante 3). Apesar de não detalharem, os estudantes colocam como exemplos florestas, objetos e cidades ou tudo aquilo que é possível ver, pressupõe que reconhecem que as paisagens são constituídas de elementos que podem ser naturais ou transformados pelo ser humano, como os estudantes que afirmam que “para mim paisagem é tudo aquilo que podemos ver ao nosso redor” (Estudante 16) e “é tudo que está em nossa volta” (Estudante 12), ao mesmo tempo em que indicam a paisagem como algo visível não diferenciam os elementos em naturais ou humanizados para compor sua ideia de paisagem.

É também possível reconhecer respostas que associaram lugar e paisagem ao meio em que se vive. Nesses casos, os estudantes apresentaram uma concepção que identificou elementos visíveis do seu dia a dia, como a rua movimentada, as residências e comércios, a

poluição presente nas vias, e com destaque ao que a vista alcança. Na nuvem de palavras essas concepções aparecem representadas pelas palavras: “urbano”, “visão”, “ambiente”, “cidades”, “vista” e “local”.

Para exemplificar as respostas associadas a tais palavras, cita-se: “paisagem: é lugar, seja onde mora, ou onde visita, ou seja, tudo que está em sua volta como: árvores e casas e etc.” (Estudante 63). Os elementos naturais estão presentes, mas ele relaciona o conceito à construção do espaço geográfico. E essa resposta comunica-se com outras que destacam também as transformações do meio: “Paisagem e tudo aquilo que tem uma origem natural ou construídos pela civilização ao longo dos anos” (Estudante 67). Nesta resposta, além de identificar que a paisagem é uma construção humana também admite que essas transformações ocorram ao longo do tempo. Como afirma Milton Santos (1988),

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, porque formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. É o caso das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc. são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais. Não faz mal repetir: suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço. (Santos, 1988, p.74).

Esse conjunto de palavras que aparecem em destaque está relacionado à categoria no gráfico 3 denominada de elementos naturais e humanizados, pois as respostas que estão categorizadas desta forma apresentam tanto a ideia de um ponto de vista natural quanto transformados pelo ser humano e que faz parte desses ambientes. Isso fica evidente na resposta: “É tudo o que somos capazes de observar ao nosso redor, a junção de tudo o que compõe o ambiente em que estamos inseridos” (Estudante 71). Além disso, na categoria que reuniu as respostas apontando a paisagem como algo que a vista alcança não houve uma diferenciação entre os aspectos naturais ou humanizados, foi considerado, portanto, sendo “um lugar que tem um conjunto de elementos naturais ou não” (Estudante 21) ou “é tudo aquilo que se vê” (Estudante 11). Tais concepções permitem concluir que os estudantes consideram os elementos visíveis, não só naturais, ao seu redor como constituintes da paisagem. Algo que Santos (1988) afirma:

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções, e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e atores. (Santos, p.70, 1988)

Entre as respostas apresentadas, muitos estudantes escreveram que a paisagem desperta sensações boas, ou seja, “é aquilo que gostamos de observar, que nos trás prazer só de olhar para aquela paisagem, um ponto de vista que nos trás paz na maioria das vezes” (Estudante 36). Na categorização estabelecida pela pesquisa, essas respostas estão em duas categorias: relacionadas aos sentidos e sensação de tranquilidade. Mais uma vez, a concepção de paisagem aparece como algo desejado, uma vista a partir de uma janela que se abre.

As respostas desse grupo de estudantes não deixam em evidência a existência de elementos da sua vida cotidiana, mas algo relacionado ao que lhe cause bons sentimentos. Não é possível afirmar, entretanto, que não tenha nessas definições a lembrança de lugares, vistos ou vividos, pois tais sensações boas podem ser ou não da sua realidade. Como afirma Santos (1988), a paisagem é a “dimensão da percepção, que chega aos sentidos”, ou seja, além do visível e do concreto, é também formada por elementos captados pelos sentidos e isso depende das experiências pessoais de apreensão ao longo da vida. Cada pessoa aprende e percebe a realidade de forma diferente, pois o olhar sobre uma paisagem está associado às experiências vividas e isso possibilita a interpretação daquilo que é observado a partir das relações existentes entre os vários elementos constituintes.

Em suma, as respostas coletadas das atividades aplicadas mostraram que quase a metade dos estudantes associa o conceito de paisagem ao que a vista consegue alcançar, principalmente observando aspectos bonitos e naturais. Além dessas definições que são predominantes, há também concepções que relacionam o conceito às transformações do meio pelo ser humano, pois consideram em suas respostas elementos humanizados, como os problemas urbanos, as construções, as marcas do passado. As concepções apresentadas pelos estudantes são também traduzidas em suas produções fotográficas, em que expressaram através das fotos suas ideias sobre o conceito de paisagem.

## **4.2. A PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA E O ESTUDO DO MEIO**

O trabalho de campo promove uma aproximação do estudante ao fenômeno estudado, permitindo uma compreensão dos processos e alicerçando reflexões sobre o meio em que vive como as interferências humanas no meio natural e as próprias relações entre os vários atores sociais que compõem a sociedade. Entre as respostas e as fotografias dos estudantes da ÁREA 1, houve a compreensão, por exemplo, que o rio, antes, fonte de alimento para comunidades pesqueiras, como a da Vila de Regência, localizada no município

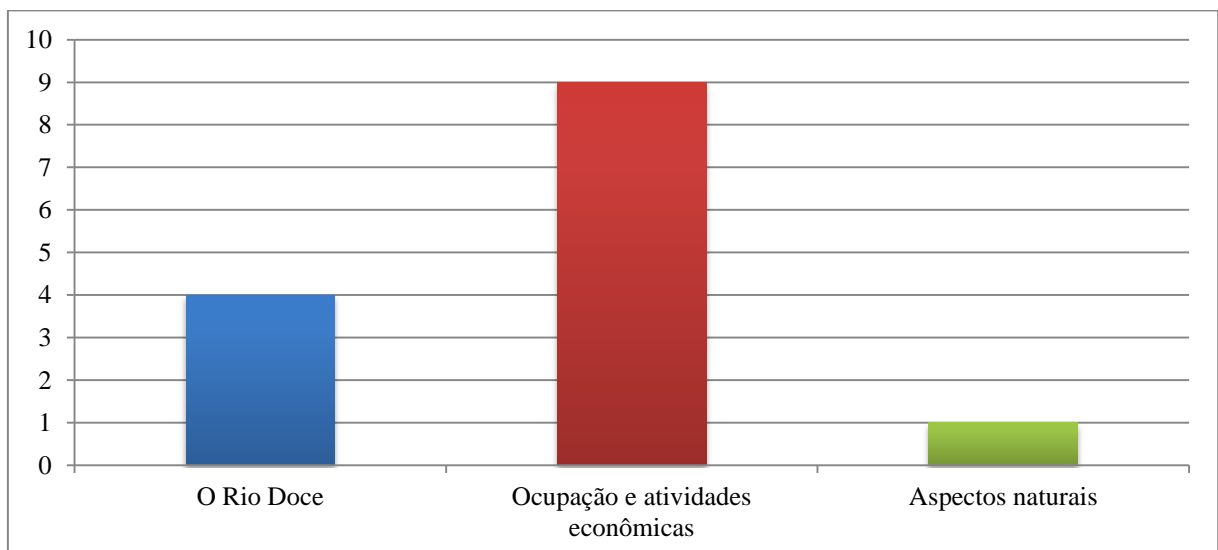
de Linhares, no litoral norte do Espírito Santo, hoje depende da recuperação ambiental com a esperança de um dia voltar a suprir a população local com seus recursos, e enquanto isso não acontece os moradores locais necessitam da reparação socioambiental com o pagamento de indenizações, ao mesmo tempo em que ocorre o esvaziamento populacional da vila devido à falta de atividades que eram comuns aos moradores, como a própria pesca ou o turismo local.

Uma das etapas importantes do estudo do meio é o trabalho de campo – a saída da escola já permite outro modo de olhar. O aluno pode, se bem orientado, utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação e registro e cotejar as falas de pessoas de diferentes idades e profissões. (Pontuschka; Paganelli; Cacete; 2009, p.174).

Apoiada à metodologia de estudo do meio, esta pesquisa tem por finalidade analisar o uso da fotografia como recurso metodológico para a compreensão das paisagens nas atividades desenvolvidas nas escolas participantes. Nesse sentido, após a elaboração das definições sobre o conceito de paisagem, os estudantes participaram de trabalhos de campo para a observação e registro fotográfico. As fotografias analisadas neste trabalho estão em acervos de atividades realizadas nos anos letivos de 2022 e 2023 com estudantes das escolas EEEFM Nossa Senhora da Conceição, localizada no município de Linhares, norte do estado do Espírito Santo, e CEEFMTI Professor José Leão Nunes, localizada na região metropolitana da Grande Vitória-ES, respectivamente.

Na etapa de campo na ÁREA 1, a pesquisa consultou 14 fotografias produzidas pelos estudantes da EEEFM Nossa Senhora da Conceição em visita à Vila de Regência, Linhares-ES. Esse total se refere às entregas realizadas pelos estudantes. Para a análise das fotografias foi estabelecido um critério baseado no assunto da foto:

**Gráfico 5** - Assuntos fotografados na ÁREA 1 da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Vale destacar que os assuntos estabelecidos em cada fotografia foram com base na imagem produzida e na sua descrição. Apesar da concepção de paisagem relacionada à natureza estar entre as principais respostas à questão geradora (o que é paisagem?), em campo, na ÁREA 1, apenas um estudante relacionou sua foto à ideia de natureza e beleza. O Rio Doce, que foi o cenário das discussões sobre as alterações antrópicas e seus impactos socioambientais, foi o assunto escolhido para ser fotografado por apenas 04 estudantes. E a percepção sobre a ocupação da região por atividades humanas obteve maior atenção entre os estudantes, somando 09 fotos sobre o assunto.

Tais escolhas indicam que a observação em campo desperta no estudante olhares que a discussão em sala de aula apenas pelo livro didático ou imagens projetadas não conseguem alcançar. O trabalho com produtos iconográficos é fundamental para a exemplificação de abordagens, mas estimular o estudante a refletir sobre o que está sendo exibido ou envolvê-lo na produção desses recursos, através da participação direta, contribui para a compreensão dos fenômenos estudados. Como afirma Fantin (2013):

Por isso, dizemos que trabalhar com imagens (fotografias, slides, cartões postais etc.) é uma atividade interessante, mas que requer planejamento cuidadoso, objetivos claros e, sobretudo, muita pesquisa para investigar o que a imagem/paisagem não é capaz de revelar por si mesma. Assim, é pouco produtivo, por exemplo, mostrar aos alunos paisagens rurais e urbanas para que eles as diferenciem, ou imagens do sertão, do cerrado e da floresta, para que percebam suas discrepâncias. Isso não é o estudo do espaço geográfico, não os ajuda a ler o espaço. Eles apenas memorizam suas características visíveis. Porém, contextualizar a apresentação de tais imagens com as relações políticas, econômicas e culturais das respectivas paisagens e investigar a dinâmica social que as constrói/destrói constituem, sim, um belo encaminhamento metodológico. (Fantin; Tauschek; Neves, p.144, 2013).

Isso não significa que os aspectos naturais, o que inclui o próprio Rio Doce, não sejam relevantes na discussão. Na análise das fotografias produzidas, os elementos da natureza são destacados junto aos impactos gerados pelo ser humano, indica que esse grupo de estudantes percebeu tais interações e as registrou através das fotos.

Nesse sentido, o conjunto de fotografias que colocaram o Rio Doce como assunto a ser retratado evidenciou a relação do rio com a comunidade local e os problemas ambientais relacionados às atividades humanas, tais como o assoreamento, a poluição, e, principalmente, o impacto gerado pelo rompimento da barragem de mineração ocorrido em 2015 em Mariana-MG, que fez chegar até a foz grande volume de lama dos rejeitos. Para exemplificar esse grupo de fotografias que colocaram o Rio Doce no centro da discussão, apresentam-se as fotos referentes às figuras 22 e 23:

**Figura 22** - Fotografia da foz Rio Doce



Fonte: registro fotográfico do estudante 16, em 27 de novembro de 2022.

Foto tirada no dia 27 de outubro de 2022, nas margens do rio Doce na vila de Regência e representa bem a biodiversidade que nosso estado possui. Mesmo que não seja possível ver na foto o rio Doce é um dos maiores exemplos de hidrografia do estado, banhando o Espírito Santo e Minas Gerais, mas que infelizmente vem sofrendo bastante com o excesso de lama e rejeitos que ele possui e que causou impactos ambientais. O rio está em processo de recuperação com ações para sua melhoria e de apoio para as populações atingidas. (Estudante 16).

**Figura 23** - Fotografia do porto da Vila de Regência, Linhares-ES



Fonte: registro fotográfico do estudante 12, em 27 de novembro de 2022.

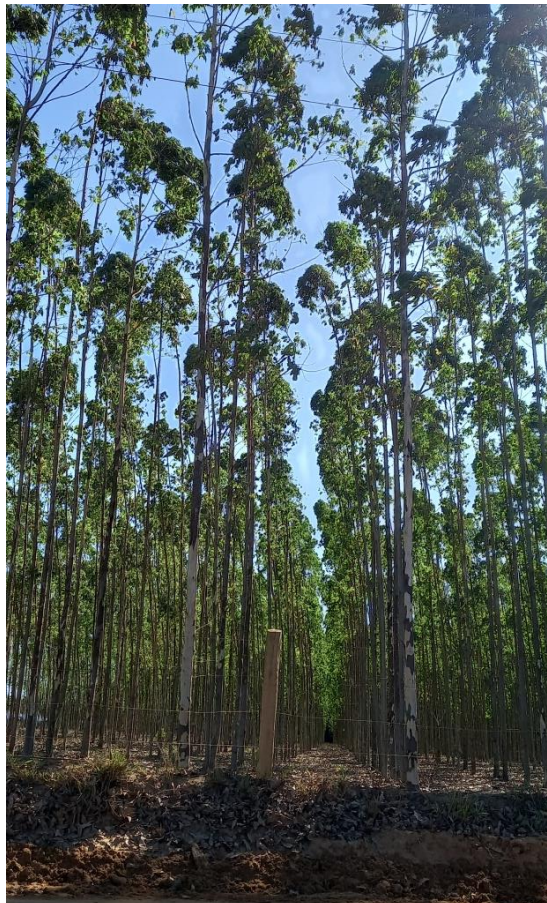
A fotografia foi tirada no porto de Regência um distrito do município de Linhares-ES. A fotografia tirada foi em um porto, apenas pra atracar pequenas embarcações, mas em se tratando de um lugar para lazer ao ar livre. Foi construído um deck onde

tem a vista do mar, é a foz do Rio doce com oceano. Na fotografia observarmos também um barco utilizado para pesca, no distrito de Regência e muito comum encontrar bastantes pescadores pescando. (Estudante 12)

Os estudantes destacam o rio como parte pertencente de uma paisagem natural, mas escrevem sobre sua importância social e econômica, quando reconhecem as ações de recuperação do rio em benefício às populações atingidas pela lama de rejeitos e o uso do rio como provedor de recursos pesqueiros à comunidade. Ao buscar as respostas desses estudantes sobre o conceito de paisagem, ambos apontam como definição “tudo aquilo que podemos ver ao nosso redor” (Estudante 16) e “tudo que está em nossa volta” (Estudante 12). Deste modo, é possível afirmar que os estudantes conseguiram relacionar suas definições aos seus próprios registros fotográficos.

Em relação ao uso e ocupação do solo por atividades econômicas, a maioria dos estudantes registraram através da fotografia as atividades relacionadas à silvicultura, e as construções residenciais e comerciais. Para exemplificar a produção fotográfica deste grupo de estudantes, destaca-se o cultivo de eucalipto, apontado nas descrições como importante atividade produtiva, mas com impactos ao solo e aos recursos hídricos.

**Figura 24** - Fotografia do plantio de eucaliptos



Fonte: registro fotográfico do estudante 21, em 27 de novembro de 2022.

A fotografia foi feita no meio da estrada para Regência, nela temos uma fazenda de eucalipto, essa produção não exige mão de obra familiar. O eucalipto é bastante versátil e pode ser usado como energia, celulose e papel, serraria entre outros. Além de ter benefícios o eucalipto também pode ser prejudicial ao meio ambiente, por exemplo no ressecamento do solo e uma maior exposição a erosões. Na fotografia registramos uma pequena plantação de eucalipto. Atualmente o seu cultivo está presente nas cinco regiões brasileiras, sendo a espécie florestal mais cultivada no país. (Estudante 21).

O estudante 21 que produziu tal fotografia cita como definição de paisagem um lugar com elementos naturais ou não. Essa ideia se repete nas demais fotos e descrições produzidas com o intuito de mostrar o uso e a ocupação dos lugares visitados em campo. Também, nestes casos, os estudantes aproximaram suas concepções sobre paisagem às suas produções fotográficas, de forma que evidenciaram a relação dos elementos da natureza e seu aproveitamento ou ocupação do território pelo ser humano.

No critério natureza, apenas um estudante associou sua fotografia aos elementos naturais como assunto central. Em sua descrição potencializou os aspectos da praia e seu entorno, com destaque à restinga em primeiro plano e exaltou a beleza do local, mas também apresentou elementos da construção humana que compõe a paisagem descrita. Neste caso, além de citar a presença do farol e da torre de comunicação, analisou a importância destes elementos.

**Figura 25** - Fotografia da área de restinga e farol em segundo plano



Fonte: registro fotográfico do estudante 3, em 27 de novembro de 2022.

A fotografia foi feita na vila de regência no estado do Espírito Santo. Nela contém um belo farol da marinha que fica em um dos lugares mais visitados da região, possui 47 metros de altura, foi construído em 15 de dezembro de 1895 com o objetivo de auxiliar a navegação costeira devido aos bancos de areias próximos à foz do Rio doce. Do alto dele é possível admirar melhor a beleza da planície costeira do norte do estado, a baía foz do Rio doce, o brejo, o mar e ainda também a vegetação de restinga que há na área. Como mostra na foto a vegetação de restinga é formada por plantas rasteiras que por sua volta encontram-se outras plantas herbáceas e arbustivas. Ao fundo dessa imagem podemos ver uma torre, muito importante para os moradores, pois permite a comunicação a partir da rede de celulares com outras localidades. (Estudante 3).

Na sondagem das definições sobre o conceito de paisagem as respostas relacionadas à lugares bonitos e natureza somaram 39% de todas as concepções apresentadas pelos estudantes. A maioria atribuiu tal ideia antes da realização do trabalho de campo, entretanto, ao observar os lugares visitados, os estudantes expressaram o conceito de paisagem por meio da fotografia pautado no real e não em definições memorizadas. Isso indica a importância da aproximação dos estudantes aos fenômenos estudados e, principalmente, à sua realidade imediata.

Andar pelo bairro e observar o cotidiano das pessoas, o movimento da rua, o lixo acumulado aguardando ser recolhido ou amontoado em um terreno baldio, o caminho de uma antiga estrada de ferro com a presença de trilhos abandonados, a presença de comércio e residências intercaladas e sobrepostas, o rio poluído, uma indústria como vizinha do seu bairro e da sua escola, é o cenário que o estudante encontra ao caminhar pelas ruas do bairro Bela Aurora, em Cariacica-ES. O olhar atento e direcionado sobre esses aspectos, que fazem parte do dia a dia, possibilita pensar a realidade e as relações que acontecem em cada situação cotidiana.

O cenário descrito compôs as fotografias dos estudantes participantes das atividades na ÁREA 2. Para a análise das fotografias e das descrições consultadas, foi estabelecido, assim como na ÁREA 1, o critério baseado no assunto escolhido para classificar as fotografias. Deste modo, 39 fotos<sup>17</sup> foram entregues por este grupo de estudantes e assim categorizadas de acordo com o assunto fotografado:

---

<sup>17</sup> Foi selecionada ao menos uma foto de cada assunto fotografado para a apresentação dos resultados obtidos a partir da análise das fotos e suas descrições.



Nas atividades desenvolvidas, a maior parte das fotos apresentaram como assunto principal as construções (26%) presentes na paisagem observada. Esse resultado condiz com o ambiente urbano visitado e contradiz com a maior parte das definições do conceito elaboradas nas atividades pré-campo em que a maior parte das concepções se relacionou à natureza e/ou vistas bonitas. Por exemplo, o estudante 33 afirmou que paisagem é “caracterizada pela natureza”, e justificou a sua foto descrevendo que “eu tirei essa foto porque eu achei o ambiente incrível”:

**Figura 27** - Fotografia do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES



Fonte: Registro fotográfico do estudante 33, 2023.

O estudante transita pelas ruas próximas até chegar à escola e retornar para sua casa e, portanto, não se trata de um ambiente e paisagem desconhecidos, mas a partir do estímulo a um olhar atento ao seu redor conseguiu enquadrar e fotografar uma paisagem que despertou interesse. Na fotografia, inclusive, é possível perceber o uso, em sua composição fotográfica, das chamadas linhas guias que orientam o olhar para um determinado ponto. Conforme Ramalho (2017) explica:

A linha representa um “caminho” entre dois pontos. A linha pode ser reta, curva, vertical, horizontal, diagonal ou em zigue-zague. Linhas implicam movimento e sugerem direção ou orientação. Note que as linhas não têm que ser artificiais nem particularmente óbvias [...] As linhas podem ser usadas de diversas maneiras. Podem servir como guias para conduzir a atenção do olhar para um ponto de interesse da foto ou para criar um clima para a cena. (Ramalho, p.261, 2017).

Na foto do estudante, as linhas presentes partem da escada em primeiro plano e seguem retas paralelas até o final da rua fotografada, direcionando o olhar para o final desta rua. O objetivo dessa técnica é chamar a atenção para um fato presente no assunto da foto ou garantir simetria. Considerando que o estudante evidenciou a rua e os prédios, formando um corredor, admite-se que buscou a conformidade no registro. Observe:

**Figura 28** – Linhas guias na fotografia



Fonte: Registro fotográfico do estudante 33

Ainda em relação ao conjunto de fotografias sobre as construções dos bairros ao entorno da escola, o estudante 69 apresenta como definição do conceito a ideia de “local, cenário observado com suas próprias características”, o que indica que aquilo que a vista alcança é concebido como paisagem. Desta maneira, produziu uma fotografia se posicionando em um lugar mais elevado para evidenciar os elementos do meio:

**Figura 29** - Fotografia da entrada do bairro Vale Esperança, Cariacica-ES



Fonte: Registro fotográfico do estudante 69, 2023.

O estudante enquadra a entrada do bairro Vale Esperança no centro da fotografia, e em terceiro plano a vegetação que circunda a escola onde estuda e que a separa da empresa siderúrgica presente no bairro. Em seu texto, descreve:

Fotografia tirada da Rua Dionísio Gomes em Vale Esperança, Cariacica-ES. Com uma ampla visão da região de proximidade da praçinha do Vale Esperança, além de ter bastante visibilidade da Rua Rio Grande do Sul. E mais ao fundo da fotografia pode-se observar parte da infraestrutura da escola José Leão Nunes cercada por árvores e mata. (Estudante 69).

Admite, em seu registro, a presença de elementos naturais quando cita a vegetação próxima à escola, mas seu assunto principal são as construções que ocupam a centralidade da foto. É reconhecido, desta forma, um paralelo quando é comparada a sua concepção de paisagem com sua fotografia e descrição.

Ainda em relação às fotografias de construções, outro estudante, apresentou uma reflexão sobre questões relacionadas à insegurança vivida nos ambientes urbanos. Uma cena corriqueira nas cidades é a construção de muros altos e sistemas de segurança, tornando o ambiente urbano acinzentado e com sensação de resguardo.

**Figura 30** - Fotografia do muro de um comércio, Bela Aurora, Cariacica-ES



Fonte: Registro fotográfico do estudante 66, 2023.

O estudante explorou uma das técnicas abordadas nas oficinas de fotografia que é o ângulo contra-plongée ou contrapicado<sup>18</sup> que é a captura da imagem de baixo para cima para transmitir uma ideia de grandiosidade ou sensação de poder. Em sua descrição afirma:

A imagem foi fotografada no endereço Av. Espírito Santo, 22, Bela Aurora, Cariacica, Espírito Santo. As bandeiras coloridas representam a localização de um supermercado populoso da região. A cor branca presente nas bandeiras representa paz e sinceridade, demonstrando fidelidade e transparência aos consumidores e clientes; já o verde, representa esperança, vigor e juventude, demonstrando a constante atualização de gostos e necessidades atendidas no mercado de consumo. Da mesma forma, é válido mencionar a visibilidade da implementação da cerca de alumínio. Isso representa os impactos gerados pela violência e como a sociedade reage mediante a esses ocorridos - ameaçada da segurança da população (Estudante 66).

Em seu texto, busca dar significado aos elementos presentes na foto, através dos sentidos. Indica, também, as preocupações da comunidade local com as questões da violência urbana. O estudante explorou os elementos visíveis e foi além: com intencionalidade, observou o que fotografar e, desta forma, identificou situações que movimentam a vida humana. Importante destacar que a foto deste estudante não se enquadra como nas demais dos outros estudantes, explorando o plano aberto ou o plano geral ou inteiro<sup>19</sup>. A foto busca o plano fechado ou plano médio para destacar as informações escolhidas para a composição do registro. Esse é outro indicativo que o estudante analisou o assunto antes de fotografar e como fazer a foto.

O estudante 76 realizou uma abordagem detalhada do ponto de observação que escolheu para enquadrar os assuntos da sua foto. Identificou com detalhes os elementos urbanos e problematizou as questões presentes na foto. Buscou com sua foto e descrição descrever as relações humanas com o meio observado. Deste modo, escolheu com critério o que fotografar, pois analisou os elementos da composição fotográfica, o ângulo e compreendeu como a paisagem pode ser construída pela sociedade. Como afirma Steinke (2014):

A representação da paisagem pode ser identificada sob duas possibilidades: a primeira busca a construção de uma realidade em gênese, observando e retratando a paisagem num aspecto poético; já a segunda consiste em catalogar a paisagem real, observando os elementos que a compõem, com a finalidade de se prestar ao estudo científico, de modo a manifestar de quais modos a paisagem se materializou naquele determinado lugar e também como a ocupação humana afeta a evolução desta mesma paisagem. Deste modo, a sua representação não é neutra; pelo contrário, é arbitrária e condicionada pelas escolhas do fotógrafo, como a visualização, a seleção dos elementos representados, a época, o enfoque etc., que são determinados pela necessidade da análise e da vontade de se representar. (Steinke, p. 179, 2014).

---

<sup>18</sup> Ramalho, p.254, 2017.

<sup>19</sup> Ramalho, p.255, 2017.

**Figura 31** - Fotografia da rua principal do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 76, 2023.

O estudante descreve a paisagem em detalhes:

No primeiro plano é mostrado um poste de energia elétrica e ,ao fundo, edifícios residenciais e comerciais, comuns nas cidades urbanas. O poste com diversos fios de alta tensão à mostra e ao alcance dos cidadãos denunciam a falta de infraestrutura e planejamento urbano, não presente apenas em regiões periféricas, mas também em todo o perímetro urbano. (Estudante 76).

Retratadas em 10% das fotos registradas pelos estudantes as atividades econômicas observadas nos bairros visitados também fizeram parte da composição das paisagens, principalmente quando houve a intenção de representar como a sociedade interage com o meio em que vive ou é impactada pela presença de determinada atividade. O estudante 76 destaca a presença marcante de um grande siderúrgica no bairro, empresa vizinha à escola onde estuda, e em sua descrição explica seu ponto de vista sobre a desigualdade socioeconômica a partir do contraste entre a empresa e a realidade social da região:

**Figura 32** - Fotografia de indústria siderúrgica nas proximidades da escola, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 76, 2023.

É possível ver na foto, em primeiro plano, casas com estruturas simples e, no segundo plano, pode-se ver uma indústria. Percebe-se então, de forma clara, a desigualdade social presente no meio urbano, em que o símbolo do desenvolvimento capitalista, a indústria, está situada em meio ao produto do que conhecemos como subdesenvolvimento. (Estudante 76).

A presença de atividade industrial é destacada e comparada com a situação socioeconômica dos moradores do bairro. Essa percepção somente é possível graças ao entendimento das relações econômicas e o distanciamento entre o capital gerado pela empresa e as condições de vida da população local, explicitando em sua escrita o paradoxo entre o desenvolvimento econômico e quem vive às margens dele. Nota-se que compreendeu a proposta de não apenas descrever a paisagem, mas analisar os elementos e as possíveis relações entre eles.

A presença de atividades econômicas de grande porte, como a indústria siderúrgica, chama a atenção do estudante 77 que compara a estrutura industrial com aspectos naturais ao entorno da fábrica. Uma composição mais poética que as demais fotos, há um foco com o fundo desfocado, realçando o assunto em primeiro plano. Nesta foto, há uma intencionalidade de sobrepor dois assuntos com o objetivo de compará-los.

**Figura 33** - Fotografia de planta sobrepondo a imagem de uma fábrica



Fonte: registro fotográfico do estudante 77, 2023.

O foco está no Capim-amargoso. Ao fundo vemos a imensidão das indústrias siderúrgicas do Grupo Simec no meio de uma área de preservação de mata. A

intenção da foto é mostrar a diferença de dimensão de uma simples planta em comparação às indústrias do Grupo Simec. (Estudante 77).

A composição da foto e a escolha da técnica para o registro indicam que o estudante entendia a proposta que o permitiu estabelecer uma comparação entre aspectos naturais e culturais na paisagem, com a intenção de levar à reflexão sobre como o ser humano interfere no meio e modifica a natureza.

Além dessa percepção socioambiental e econômica, outro estudante apresentou uma relação com atividades de logística, da mesma forma formulando suas ideias além do que foi fotografado. Representou o comércio do bairro, sua importância econômica e as interferências humanas no meio:

**Figura 34** - Fotografia de entrega de bebidas no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 36, 2023.

O estudante descreve:

Está foto foi tirada em Bela Aurora, no estacionamento do supermercado Economia. Podemos ver como a logística é usada no nosso dia a dia, pelo transporte, a segurança da importação do produto, as embalagens, podemos colocar esses pontos em alta sobre a logística. Um ponto negativo sobre a Coca Cola são as garrafas pet, e como elas são descartadas no meio ambiente, o que mais vemos nos rios são garrafas pet de refrigerante, a população tem que encontrar uma solução para isso. (Estudante 36).

Além dos elementos presentes na foto que evidenciam o seu assunto, o estudante explora informações sobre questões ambientais relacionadas ao descarte de resíduos mesmo que não estejam presentes na composição da foto.

Ainda sobre a percepção dos estudantes em relação à interferência humana nas questões ambientais urbanas, alguns escolheram como assunto o descarte de resíduos de forma inadequada pela população. Os estudantes 39, 64 e 67 retrataram o acúmulo de lixo e entulho em áreas do bairro. Tais escolhas são acompanhadas de observações sobre o mau uso dos espaços públicos.

**Figura 35** - Fotografia de lixo em rua do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES



Fonte: registro fotográfico do estudante 39, 2023.

**Figura 36** - Fotografia de lixo sob os trilhos da antiga estrada de ferro, Cariacica-ES



Fonte: registro fotográfico do estudante 67, 2023.

**Figura 37** - Fotografia de entulho sob os trilhos da antiga estrada de ferro, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 64, 2023.

As descrições dessas fotos possuem o mesmo direcionamento: a preocupação dos estudantes com o descaso da comunidade com o lugar em que vivem, provocando o descarte e acúmulo de lixo em vias públicas. O estudante 67 ao descrever sua foto (Figura X) afirma:

A cena retratada na foto é um estudo intrigante de contrastes e abandono. No centro da imagem, um trilho de trem inativo se estende como uma linha de história abandonada, cortando através de uma área desolada de descarte. Montes de entulhos e lixo se amontoam ao longo do caminho, criando uma paisagem desoladora e poluída. (Estudante 67).

A presença da poluição visual também é assunto nas fotografias apresentadas pelos estudantes. Por exemplo, o estudante 59, a concepção de paisagem apresentada está relacionada aos aspectos naturais, mas afirma que “também pode ser lugares com interferência humana (exemplo: cidades). Tudo aquilo que pode se interpretar.” Ou seja,

admite que seja formada por um conjunto de elementos e a relação entre eles possibilita a interpretação para além do que é visível. Nesse sentido, sua foto evidencia a forte interferência humana no local e explora informações sobre o assunto fotografado:

**Figura 38** - Fotografia de poste com fios de telecomunicação e de energia



Fonte: registro fotográfico do estudante 59, 2023.

Descreve “fios emaranhados em Bela Aurora, mostra avanço de telecomunicações e que é um lugar conectado, porém, também trás uma poluição visual”, ou seja, além do que é perceptível, a poluição visual, consegue estabelecer uma relação entre o assunto fotografado e o que ele representa para a comunidade local: a conexão ao mundo por redes de comunicação.

As vias de circulação são retratadas por 13% das fotos apresentadas (Gráfico 6). Apesar do enquadramento das fotos e da composição destacar as ruas, nesse conjunto de fotos os estudantes que optaram por esses registros descreveram também outros elementos presentes nas fotos. Apesar disso, não significa que não houve intencionalidade, pois há uma escolha. Os registros são apenas descritivos sem muitas análises dos elementos não visíveis na paisagem, ou seja, sem aprofundar nas relações existentes no lugar fotografado. Diante disso, é possível afirmar que esse grupo teve dificuldade em associar o conceito de paisagem às imagens fotográficas que produziram.

Para exemplificar esses registros, o estudante 46 definiu paisagem como “tudo aquilo que se é visto em extensão de território, seja ele Urbano, Rural, Natural, etc.”, observando, portanto, que uma paisagem é composta por vários elementos independente do ambiente. E apresentou a seguinte foto:

**Figura 39** - Fotografia da entrada do bairro Vale Esperança, Cariacica-ES



Fonte: registro fotográfico do estudante 46, 2023.

Em sua descrição, o estudante escreveu:

É possível ver uma placa de sinalização, uma ferrovia desativada, uma associação de moradores, quadra esportiva, árvores e um morro com casas, dentre alguns comércios. A Associação de moradores na qual é mostrada. Foi fundada em 29/11/1977. E desde então vem apresentando um papel fundamental na melhoria do bairro Vale Esperança, Cariacica (Estudante 46).

Em sua foto utilizou a regra dos terços, posicionando em primeiro plano a placa da antiga estrada de ferro em um dos pontos de referência da foto e a rua de acesso ao bairro Vale Esperança, em Cariacica-ES. Chama a atenção não ter feito a relação entre a placa e a velha estrada de ferro. Pode-se admitir como um dos motivos que o jovem estudante não tenha relacionado a ferrovia com a placa de atenção a desativação da ferrovia há muitos anos, ou seja, a circulação de trens no bairro não está na memória deste estudante. Retomando sua definição de paisagem, o estudante considera que é tudo que se vê, seja natural ou não. Ao relacionar tal ideia com a foto e sua descrição verifica-se que para este estudante os elementos do bairro são constituintes de uma paisagem e mesmo que não tenha aprofundado em uma análise ele conseguiu através da fotografia traduzir sua concepção.

Em relação à memória, o estudante 24 resgata lembranças do bairro em relação à linha férrea que atravessa os bairros de Bela Aurora e Boa Sorte, Cariacica-ES. Em sua definição considera que paisagem “é um lugar bonito ou que te cause sentimentos”, e, sendo assim buscou retratar em sua foto e descrição esse sentimento com o lugar em que vive:

**Figura 40** – Fotografia da linha férrea na entrada do bairro Vale Esperança, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 24, 2023.

Descreve o sentimento que possui antiga estrada de ferro, apesar de não ter lembranças pessoais da época que a composição férrea estava em funcionamento:

Gosto bastante da história desses trilhos, eles são da época em que o Brasil utilizava o transporte ferroviário para transportar cargas. Existem diversas fotos da época em que os trilhos estavam sendo usados e a todo o vapor. Toda que vez que passo por ali, sinto uma espécie de nostalgia, embora eu nem tenha presenciado essa fase do Brasil. (Estudante 24).

Essa nostalgia que essa paisagem desperta possui relação com as afetividades com o lugar em que ele vive, mesmo que não tenha convivido com a rotina das composições da ferrovia, mas possui, possivelmente, referências a partir de pessoas, familiares, por exemplo, que guardam essas histórias. Como afirma Steinke (2014):

Podemos afirmar: as imagens espaciais guardam um papel singular na memória individual e coletiva [...] O lugar, a paisagem, o território e até mesmo um recorte regional recebem a marca de um grupo, correspondem a um modo de vida ativo histórico e, reciprocamente, produzem esse mesmo grupo. (Steinke, p.81, 2014).

O estudante afirma que existem fotos antigas da ferrovia em funcionamento, fato que cria um afeto coletivo a partir da organização social daquele espaço estabelecida pela estrada de ferro. Sobre isso, Steinke (2014) também afirma:

A paisagem enquanto suporte material das lembranças assenta afetividades e efetiva acontecimentos, grupos sociais e saberes-fazeres, guarda as marcas do tempo, o movimento da história. Identidade é enraizamento, é sobreposição de objetos e ações e identificação com estes mesmos elementos; a paisagem-memória cumpre esse papel de enraizar para afagar a alma humana com receio de se perder ante a coletividade e a fugacidade do mundo. Por um lado, se a paisagem é material, por outro, sua função é a de alimentar o subjetivo. Ela indica as correntezas das relações do passado e preserva as tradições técnicas do presente para, sobretudo, dar corpo a um imaginário sobre os objetos, lugares e grupos a serem mantidos nas lembranças do futuro. As iconografias podem cumprir o papel de registro, de preservar, então, a sabedoria, os desejos, as necessidades, as técnicas e a ética sociais; preservar a paisagem cultural da humanidade é preservar singulares sentidos da vida material e intersubjetiva; é a prática da memória social. (Steinke, p.82, 2014).

Desta maneira, este grupo social dos bairros por onde a ferrovia foi construída cria uma identidade coletiva a partir das lembranças que possuem de um momento histórico. As fotos que o estudante afirma existirem da antiga estrada de ferro preservam as histórias dos mais velhos que passam aos mais jovens as experiências daquele tempo em um exercício mnemônico. Steinke (2014) afirma que

A memória social e a paisagem geográfica, juntas, então, são produtos e produtoras do olhar e do trabalho. Olhar nostálgico que as pessoas mais velhas lançam por sobre a história do seu ciclo, em busca de suporte existencial [...] Sair da zona de conforto de nossa situação atual e regressar ao passado constitui-se no percurso metodológico individual para o encontro com a nossa existência. (Steinke, p.82, 2014).

O mesmo estudante fez outro registro que também trouxe a relação de afetividade que possui com o lugar em que vive:

**Figura 41** - Fotografia de árvores cortadas em rua do bairro Boa Sorte, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 24, 2023.

Árvores cortadas, perto do centro de festas "Big Fest". Escolhi essa foto, pois ali é onde eu moro, cresci com a linda vista das árvores, contemplei a grandiosidade delas. Sei que eram muito antigas e sempre tinha uma sombra fresquinha por lá. Neste ano, cortaram várias árvores, deixando esta vista deprimente, sinceramente eu não sei o motivo por trás de cortar as árvores, ninguém falou nada, só sei que me entristece muito ver algo que foi de um jeito durante muitos anos, simplesmente acabar de um dia para o outro. (Estudante 24).

A descrição do estudante demonstra a relação de proximidade e de sentimentos que possui com o bairro. Como afirma Santos (1988), a paisagem é para além daquilo que é somente visto, é também repleta de sentidos. A sensação de conforto com uma sombra fresca, as referências e lembranças da infância e o sentimento de perda, fazem parte da composição desta paisagem para o estudante.

Essa afetividade também é reconhecida na produção de outro estudante em que sua foto destaca o cotidiano de pessoas comuns de um bairro residencial. Sua abordagem fotográfica explora a relação das pessoas com o lugar em que vivem, observando as atividades diárias e os elementos que compõem a vida da comunidade.

**Figura 42** - Fotografia de rua do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 34, 2023.

Sobre essa cena, o estudante escreve:

A foto foi tirada na rua Paraná, situada no bairro bela aurora, subindo mais um pouco essa rua você acaba chegando no bairro boa sorte. Nessa foto podemos ver carros e várias casas por ali e até mesmo um senhor mexendo com obra, essa rua é pouco movimentada pelo fato do morro dela, mas se caso você um dia quiser ir até o bairro boa sorte, passar por ela é uma boa opção. Nessa foto podemos ver várias coisas como: os carros, as casas, o pedreiro, folhas no chão, postes e fiações elétricas que fazer que chegue energia até as casas e internet também. (Estudante 34).

Na descrição, ao listar o que há na paisagem observada, o estudante transmite em seu registro fotográfico a sensação de proximidade com a realidade, pois consegue captar o cotidiano pacato de uma rua. Ao verificar a concepção de paisagem no exercício de escrita pré-campo o estudante afirma que é “algo pode ser apreendido e olhado por outras pessoas”. Não fica claro o que significa “olhado por outras pessoas”, supõe-se que esteja se referindo ao registro de uma paisagem por meio da fotografia. Mas é possível associar sua foto e descrição

ao sentimento de pertencimento das pessoas com lugar em que vivem, retomando o conceito apresentado por Cavalcanti (1998) como sendo o espaço de experiência da vida.

Retornando ao grupo que destacou em suas fotografias a linha férrea, o estudante 61 descreve sua importância histórica e o descaso que levou ao seu abandono e o apagamento da sua história.

**Figura 43** - Fotografia dos trilhos da antiga estrada de ferro em Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 61, 2023.

O estudante escreve sobre sua foto:

Fotografia realizada na Rua Rio Grande do Sul, no bairro Boa sorte, em Cariacica. O registro apresenta a uma ferrovia abandonada e um matagal a “engolindo”. A imagem permite abordar a história da antiga Estrada de Ferro Leopoldina. A linha férrea que iniciou no século XIX, em Minas Gerais, se expandiu para o Espírito Santo e o Rio de Janeiro, permitindo a interligação entre os estados brasileiros. A estrada que percorre diversos municípios capixabas foi desativada em 2017, após ser

vendida para a empresa VLI. A ferrovia que poderia ser usada para a integração de variados lugares, hoje compete espaço com o mato e o lixo, que apagam sua história em meio ao abandono. (Estudante 61).

Esses lugares humanizados também apresentam ambientes que remetem, para os estudantes, a espaços naturais. Lotes tomados por vegetação são associados por 15% das fotos com ambientes naturais, não consideraram em suas descrições a possível interferência humana na ocupação deste espaço e seu posterior abandono com o crescimento de vegetação.

**Figura 44** - Fotografia de vegetação em lote no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 65, 2023.

O estudante 65 apresentou como concepção de paisagem a ideia de que é “um lugar bonito a qual pode existir vários cenários”, e escolheu fotografar um local tomado por vegetação que cresce em terreno desocupado. Sobre sua foto, escreveu:

A imagem deste cenário se encontra na Rua Rio Grande do Sul, a cena capturada é composta por elementos naturais vibrantes e um céu azul claro. Em primeiro plano, plantas e vegetação baixa são visíveis, destacando-se por suas variadas tonalidades de verde. Em geral, a paisagem transmite uma sensação de calma e contemplação, com cores naturais que relaxam os sentidos e convida à reflexão. (Estudante 65).

A partir da sua definição de paisagem, do seu registro fotográfico e a da descrição, é perceptível que o estudante buscou retratar algo relacionado à natureza. Apesar de estar em área urbana, não relaciona com a transformação e utilização deste espaço pela comunidade local. Da mesma maneira, o estudante 74 considera paisagem como “tudo aquilo que vemos e tem elementos da natureza”, correspondendo ao grupo de estudantes que entendem o conceito a partir do ponto de vista natural. Seu registro fotográfico também explora as mesmas características dos demais estudantes deste grupo:

**Figura 45** - Fotografia de vegetação em lote no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.

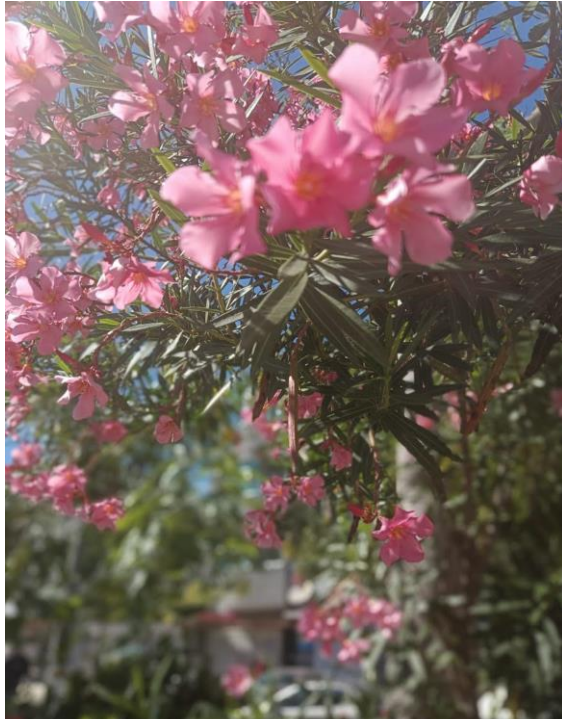


Fonte: registro fotográfico do estudante 74, 2023.

Ele descreve sua foto destacando a vegetação em primeiro plano, mas que também é observada ao fundo em terceiro plano: “mostra a imagem de um campo de flores com a imagem de uma área de mata, a ideia é mostrar como a natureza está em todos os lugares em que olhamos” (Estudante 74). É possível admitir que para o estudante para ser paisagem é necessário existir os elementos naturais, e mesmo que o espaço observado seja a cidade a natureza se faz presente. Nota-se uma dificuldade em desassociar o conceito de paisagem à ideia de algo apenas belo.

Seguindo nesse sentido, os estudantes 33 e 75 representaram elementos naturais sem enfoque em uma paisagem, retratando apenas fragmentos dos lugares visitados. Este grupo destacou nas descrições, de forma simples e direta, o assunto fotografado sem qualquer tipo de aprofundamento ou contexto.

**Figura 46** - Fotografia de flores na praça do bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 33, 2023.

**Figura 47** - Fotografia de uma flor no bairro Bela Aurora, Cariacica-ES.



Fonte: registro fotográfico do estudante 75, 2023.

Tanto o estudante 33 quanto o estudante 75 simplificaram suas descrições citando apenas o assunto da foto, que nestes casos, são as flores. Estes estudantes reduziram o conceito de paisagem a um elemento fotografado, por exemplo, uma árvore, um veículo, um animal de rua, em todos os casos tiveram dificuldade em representar por meio da fotografia a definição de paisagem, pois a entendem como algo a ser admirado por sua beleza.

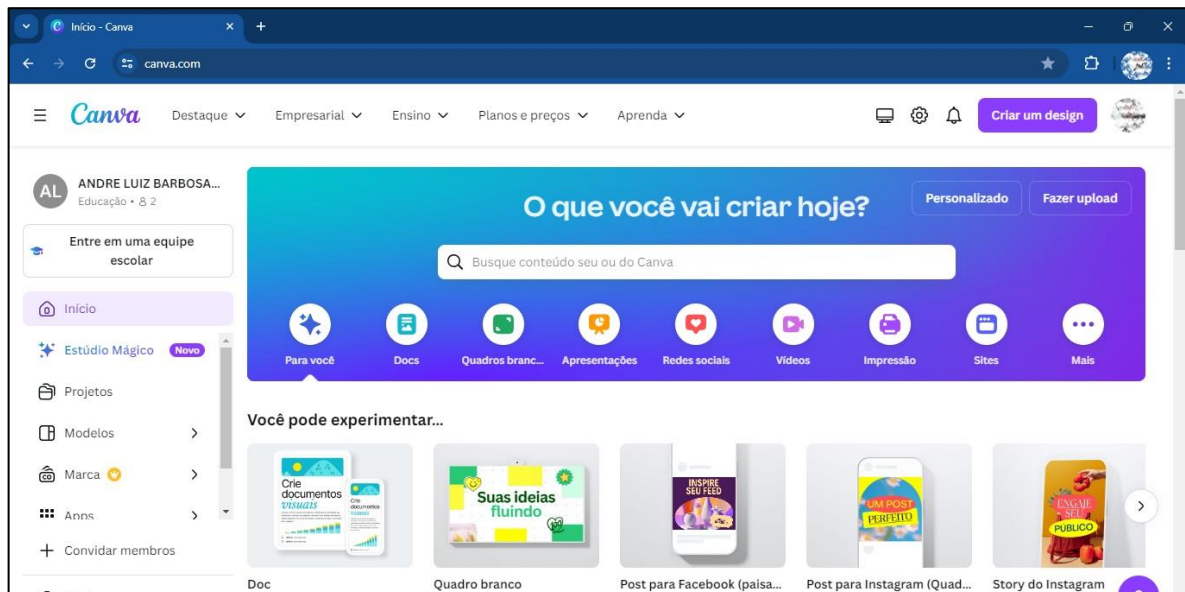
A produção fotográfica em campo, no contexto das escolas participantes, consistiu na etapa de verificação dos entendimentos dos conceitos de paisagem traduzidos em fotos. Os trabalhos de campo realizados foram momentos práticos das discussões sobre os assuntos abordados em sala de aula, tais como as questões socioambientais, as alterações antrópicas no meio e as relações que a comunidade estabeleceu ao longo do tempo com a geografia local.

#### **4.3. PRODUTO EDUCACIONAL: PRODUÇÃO DE E-BOOK COMO MATERIAL DE REFERÊNCIA METODOLÓGICA**

Com o intuito de servir como referencial para professores, a pesquisa ofereceu bases para a elaboração de um e-book (livro digital) com as etapas metodológicas do uso da

fotografia como recurso didático no ensino da Geografia. A produção do e-book possui como plataforma de criação online CANVA, que possibilita a edição de páginas, inserção de informações como textos, links, imagens, gráficos e demais recursos visuais. A plataforma de edição é gratuita e permite o download do material produzido para sua publicação e distribuição online.

**Figura 48** - Tela da plataforma on-line Canva



Fonte: Tela capturada pelo autor. Disponível em <https://www.canva.com/>. Acesso em 08/06/2024.

A proposta do e-book se enquadra como produto de editoração conforme as especificações de produtos técnicos para a área de Geografia na Capes<sup>20</sup>. Sobre esse material, entende-se que

Resulta de atividade editorial de processos de edição e publicação de obras de ficção e não-ficção. Compreende planejar e executar, intelectual e graficamente, livros, enciclopédias, preparando textos, ilustrações, diagramação etc. com vinculação ao Programa (projetos, linhas, discentes/egressos). Exemplos: mídia impressa (jornal, revista, livro, panfleto, cartaz, etc.), eletrônica (e-books, mídias interativas) ou digital (internet, celular). (Dissertações e Produtos Técnicos – Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional, [s.d.]

Em relação à estruturação do material, além da interatividade, buscou-se elaborar um layout atrativo para garantir atenção e o interesse do leitor. Sem muita poluição visual, mas com uma construção que favoreça a imagem e uma diagramação que transmita o conteúdo apresentado de forma clara e objetiva. As posições das imagens, textos, links e

<sup>20</sup> Portaria Capes 171/2018. Produção Técnica - Grupo de Trabalho. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em 29 de abril de 2024.

demais elementos gráficos, ou textuais, nas páginas é planejada com intencionalidade, sempre destacando as fotografias que são o objeto de análise do produto. A escolha das fotos também é um fator importante, pois segundo Filatro (2015) são as imagens que chamam mais atenção, e são facilmente percebidas. As fotos que ilustram o material são todas dos estudantes que participaram das atividades consultadas para esta pesquisa, bem como o referencial para as práticas propostas no livro digital também tem como base as sequências didáticas utilizadas.

Com o advento das tecnologias de informação torna-se importante explorar recursos que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Essas tecnologias presentes na contemporaneidade provocam impactos significativos na vida social e cultural, moldando comportamentos de toda a sociedade. O professor pode aproveitar essa dinâmica que também faz parte da vida dos estudantes e criar métodos para envolvê-los em atividades que utilizem tais recursos para um aprendizado onde o conteúdo dialogue com a realidade do estudante.

O livro digital apresenta a possibilidade de trabalho docente através do estudo do meio com a utilização de fotografias e descrições de paisagens. Para a base de informações deste referencial são utilizados os dados da pesquisa sobre os usos e ocupações, relações socioambientais, e as consequências desses processos na planície urbana do Rio Marinho, ao entorno do CEEFMTI Professor José Leão Nunes, em Cariacica-ES, e, desta maneira, servir de modelo para reaplicação metodológica por professores com o objetivo de envolver seus estudantes em atividades similares ou que seja uma referência no campo da geoiconografia aplicada à sala de aula do ensino básico. A consulta às atividades que formaram a base da pesquisa, principalmente as oficinas práticas de fotografia, permitiu perceber que os estudantes tornam-se mais atentos sobre os processos naturais e antrópicos estudados em sua realidade imediata, isso ocorre porque "as fotografias mostram ou ampliam a realidade e produzem, nos indivíduos, sentimentos, inclusive o de pertencimento a uma dada região ou lugar" (Nascimento; Steinke, 2018). Essa percepção dos estudantes aos aspectos da vida cotidiana ao seu redor e a representação através de fotos inspirou a proposta de sequência didática apresentada no material.

Entretanto, não se trata de um material para ensinar a fotografar, mas um produto que oportuniza professores a dialogar com as possibilidades do uso da fotografia na abordagem sobre a paisagem, as interações e as transformações nela existentes. Tampouco, o livro digital proposto é uma mera digitalização dos registros fotográficos e descritivos da área de estudo. A proposta é um livro digital interativo em que o leitor possa acessar informações e materiais extras de produção dos próprios estudantes, do professor ou outras fontes relevantes ao estudo do tópico. Essa concepção interativa é o que torna um livro nesse formato de fato

considerado digital, pois são os chamados livros digitais enriquecidos (Filatro, 2015, p. 240). Nesse sentido, o material auxilia o professor em seu planejamento, fornecendo ideias de atividades com a utilização e produção de imagens fotográficas com os estudantes.

O material está dividido em quatro tópicos, sendo o primeiro tópico uma apresentação introdutória ao conteúdo; o segundo tópico é uma abordagem teórica sobre a geofotografia e técnicas básicas de fotografia; o terceiro tópico são sugestões do uso da fotografia como recurso didático no ensino de Geografia; e o quarto tópico são as referências do material que podem servir de base também aos professores em busca de novas possibilidades metodológicas. Nas imagens a seguir a demonstração do material estruturado:

**Figura 49** - Tópico 1 do livro digital com apresentação do conteúdo

**ÍCONES**

- Para saber mais**  
Indicação de vídeos sobre o assunto
- Leitura complementar**  
Textos de apoio ou exemplos para enriquecer o assunto
- Momento de estudo**  
Indicação de momentos destinados ao estudo do conteúdo
- Produção fotográfica**  
Indicação de atividade prática de fotografia
- Link para consulta**  
Indicação de link de sites ou aplicativos

**TÓPICO 01**  
**APRESENTAÇÃO**

**A** abordagem de conteúdos descolados da realidade do estudante constitui um desafio constante para professores e professoras de Geografia que precisam cumprir os programas de ensino institucionais e ao mesmo tempo contextualizar temáticas ao cotidiano do estudante. Busca-se auxiliar o estudante no processo de compreensão do conteúdo estudado associando-o ao seu entorno, tendo uma visão das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais distintas no tempo e no espaço de contexto que ele mesmo vive.

Segundo Lora de Souza Cavalcanti (2012) é importante, ao se analisar temas de Geografia, ir do local ao global e retornar ao local deste modo, o que é ensinado passa a fazer sentido ao estudante, pois ele pode compreender as ligações entre o conteúdo e sua vida cotidiana. Usar os conceitos de Lugar, território e paisagem são uma aproximação da espacialidade em que o estudante está inserido, dificultando a compreensão das modificações temporais, econômicas e sociais do lugar em que vive.

Essa realidade atual se transforma em velocidade e fluidez das informações. A sociedade em que vivemos explora a imagem a todo tempo, e o estudante, não deslocado desse contexto, faz uso das tecnologias e meios de expressão imagética. A produção de fotografias e a obtenção de informações sobre o mundo através delas são recursos que podem ser explorados em sala de aula no sentido de aproximar o conteúdo ensinado à vida do estudante.

No ensino de Geografia, o uso da fotografia como recurso didático fornece possibilidades metodológicas para abordagens de diversos conteúdos. O seu uso pode auxiliar no processo de compreensão das transformações no espaço ao longo tempo, tendo como protagonista desta ação o próprio estudante, pois o mundo fotografado será o partir do visto deste indivíduo. Não é uma representação única da realidade, pois trata-se um ponto de vista específico de quem fotografa. Nessa perspectiva, o professor ou professor pode auxiliar o estudante na compreensão do que é visto, como é visto e qual mensagem ele quer passar com o registro fotográfico (Cobazans, Almeida, Araújo, 2022).

**NO ENSINO DA GEOGRAFIA, O USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO FORNECE POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA ABORDAGENS DE DIVERSOS CONTEÚDOS.**

13

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

O tópico 1 do livro é uma apresentação teórica da temática do material com o objetivo de aproximar o leitor do conteúdo e da proposta didática. É classificado como momento de estudo que discute a necessidade de inovações metodológicas no ensino da

Geografia, como a utilização de recursos fotográficos através da participação direta dos estudantes.

**Figura 50** - Tópico 2 do livro digital com abordagem sobre GeoFotografia



Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

O tópico 2 inicia a discussão das possibilidades do uso da Fotografia como técnica artística aplicada às abordagens geográficas. É uma sessão voltada à apresentação de técnicas básicas para a realização de registros fotográficos, tais como o tipo de equipamento, o conceito e o uso do triângulo de exposição, o ângulo de captura, o foco e a iluminação. As técnicas apresentadas são base da fotografia e, apesar de não ser exigência dominá-las, são fundamentais para criar narrativas a partir das intenções ao fotografar: destacar um elemento que o torna assunto principal da foto através de um determinado ângulo, foco ou luz; ou demonstrar a amplitude de uma vista e os componentes desta paisagem. Ou seja, com alinhamento entre as técnicas e o objetivo da foto é possível criar histórias ou representá-las.

Figura 51 - Tópico 2 com apresentação dos tipos de equipamentos

### A FOTOGRAFIA: técnicas básicas

A matéria-prima da fotografia é a luz. É ela a responsável por conduzir nossos olhos para as mais variadas cenas e provoca os fotógrafos, dos profissionais aos amadores, a utilizarem as técnicas para que seja captada da melhor forma possível para produzir fotos com intencionalidade. Nesta seção serão abordadas algumas dessas técnicas que nos ajudam a escolher a melhor luz para nossas fotos.

Fotografar é definido de maneira poética como escrever com a luz. É sendo a luz neste principal elemento em fotografia, é importante compreender alguns parâmetros fundamentais para a produção fotográfica: o tipo de equipamento, do analógico ao digital, a composição fotográfica, o enquadramento, a focagem, além do triângulo da exposição: abertura do diafragma, velocidade do obturador e sensibilidade à luz (ISO).

“Completar o tamanho de abertura do diafragma da objetiva com o tempo que o obturador fica aberto expõe o sensor à luz é chamado de exposição. A correta exposição é aquela que produz uma imagem que não é nem clara demais, nem escura demais, retratando fielmente a luz que esteve iluminando o assunto da fotografia. (Rimolho, p.118, 2027)”

### O tipo de equipamento

O melhor equipamento é o que você tem a sua disposição. Não existe melhor ou pior, o que existe é intenção de fotografar e quem está manipulando o equipamento. Claro que um equipamento com muitos recursos pode facilitar o trabalho, porém sem saber usá-lo ele perde sua funcionalidade. O que é mais importante é ter um olhar atento e decidir sobre como fotografar conhecendo o equipamento que possui.

Nas câmeras de filmes, o assunto capturado é registrado em um quadro de um filme que tem uma substância sensível à luz. Depois de gravadas no filme, as imagens ainda não são visíveis. O filme precisa ser processado em um laboratório. O processamento consiste em banhar o filme em soluções químicas que revelam a imagem. (Rimolho 2017)

Com o desenvolvimento tecnológico e o acesso aos aparelhos celulares a prática fotográfica se popularizou. A móbografia, então, se caracteriza como fotografar através dos celulares, smartphones e/ou tablets. O prefixo "mob" vem do mobile, palavra da língua inglesa que significa "móvel", referindo-se a praticidade dos aparelhos móveis em questão. (Carvalho, 2014)

As câmeras SLR (Single Lens Reflex) possuem como principal característica o uso de um espelho interno que redireciona a luz e, consequentemente, a imagem que entra pela objetiva para um visor óptico [...] Sua grande característica é permitir a troca de objetivas, possuir controle total de abertura e diafragma e ajuste da sensibilidade do ISO. (Rimolho 2017)

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Figura 52 - Tópico 2 com apresentação das técnicas básicas

### Questões técnicas

Cada câmera fotográfica seja analógica, digital ou mesmo a de celulares, há um sensor que transforma a luz captada em imagem. Para controlar a quantidade de luz que o sensor da câmera irá receber o parâmetro utilizado é a abertura do diafragma. O diafragma é um orifício dentro da lente pelo qual a luz passa. Quanto maior for a abertura do diafragma, mais luz entrará na câmera e vice-versa.

Associada à abertura do diafragma utiliza-se a velocidade de captura que é o tempo que obturador da câmera ficará aberto para entrada de luz. O obturador é uma espécie de cortina que fica à frente do sensor da câmera, permitindo que a luz entre somente no momento do clique da foto. Quanto maior for a velocidade de captura, maior será a velocidade do obturador e menos luz entrará na câmera e o contrário também se aplica. O resultado da combinação dos três parâmetros é o seguinte:

| ABERTURA      | f/32   | f/22   | f/16    | f/11    | f/8     | f/5,6   | f/4      | f/2,8    | f/2      | f/1,4     |
|---------------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|----------|----------|----------|-----------|
| VELOCIDADE    | 1/1000 | 1/500  | 1/250   | 1/125   | 1/60    | 1/30    | 1/15     | 1/8      | 1/4      | 1/2       |
| SENSIBILIDADE | ISO 25 | ISO 50 | ISO 100 | ISO 200 | ISO 400 | ISO 800 | ISO 1600 | ISO 3200 | ISO 6400 | ISO 12800 |

Além do triângulo da exposição, são apresentadas a seguir técnicas que podem ser exploradas no momento da fotografia. O triângulo de exposição na maioria dos equipamentos podem ser ajustados automaticamente, mesmo que seja importante compreender seu funcionamento e usá-lo manualmente, mas o enquadramento, a escolha do foco, a composição da foto, o tipo de luz são escolhas do fotógrafo que com intencionalidade produz imagens que comunique com algum assunto.

### Enquadramento e composição

**Posicionamento e ângulo**

- ângulo normal

**Seleção do assunto da foto**

- o veículo estacionado em 1º plano

**Orientação da câmera**

- vertical (foto cortada)

### Foco

O foco está relacionado à nitidez da foto e a escolha do plano que ficará em evidência na foto. No exemplo ao lado, o estudante escolheu destacar o capim e desfocar as construções ao fundo. Isso indica uma grande abertura do diafragma da câmera.

### Luz

Como já foi vimos, a luz é o principal elemento de uma fotografia. A intensidade, direção e cores, vai depender das escolhas de quem está fotografando. No caso ao lado, uma foto logo pela manhã, com luz natural, o estudante destacou o transeunte com sombra à sua direita, de acordo com a fonte de luz.

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

A aplicação prática do uso da Fotografia no ensino da Geografia está inserida no terceiro tópico e é um convite à experimentação da sequência didática com participação ativa dos estudantes. Essa seção é dividida em etapas: a primeira etapa é a sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto; a segunda etapa é a saída a campo para os registros fotográficos com a mediação do professor; a terceira etapa é a escrita das descrições das fotos; e a quarta etapa é culminância da atividade. O material sugere ao professor uma discussão final sobre o assunto retomando os conceitos abordados, dialogando sobre a paisagem visitada e as interações humanas percebidas, e, ao final, uma exposição das fotos à comunidade escolar.

Figura 53 - Tópico 3 com apresentação da sequência didática

### O uso da Fotografia no ensino da Geografia

**Tema: Paisagem**

Uma vez que já passamos pelas questões teóricas e técnicas básicas da fotografia, vamos agora colocar em prática esse conhecimento através da sugestão de atividade utilizando a fotografia como recurso metodológico. A sugestão neste material é o trabalho com a definição e reconhecimento das paisagens.

Etapa 1  
Concepções sobre paisagem

Etapa 2  
Registros fotográficos em campo

Etapa 3  
Elaboração das descrições das paisagens observadas

Etapa 4  
Culminância: Discussão

A culminância dessas etapas pode ser uma **exposição fotográfica** com as descrições das paisagens. Uma sugestão é o trabalho de reconhecimento do bairro no entorno da escola e a exposição para a comunidade escolar, incluindo, as famílias, moradores, comerciantes. Desta forma, há uma aproximação dos estudantes à sua realidade imediata, o que cria um sentimento de pertencimento ao local.

Esse sentimento se desdobra em responsabilidades e cuidado com o lugar em que se vive. Mas, vamos às etapas do trabalho:

**Importante lembrar que o objetivo principal de se sair para o campo não é registrar, tomar o celular para tirar fotos, e sim, observar, analisar, perceber, descrever, refletir, discutir, compartilhar com colegas, construir um conhecimento coletivo sobre o território em questão, ao longo do processo.**

### Etapa 1

A primeira etapa do trabalho é a **sondagem dos conhecimentos prévios sobre o tema paisagem**. A coleta das respostas tem como finalidade identificar o que os estudantes sabem sobre o assunto e, posteriormente, incentivá-los à refletir sobre suas próprias concepções na etapa de registro fotográfica.


A pergunta geradora pode ser: **O QUE É PAISAGEM PARA VOCÊ?**

A coleta dessas respostas pode ser realizada de **forma escrita** (caso não haja recursos digitais disponíveis) ou em **meio virtual**, por exemplo, em formulário do Google Forms ou construção coletiva de uma nuvem de palavras. O importante é que sejam registradas e que o professor possa guardá-las para a etapa final de discussão com os estudantes.

Uma ideia para essa etapa é a construção de uma nuvem de palavras através do aplicativo **Mentimeter** disponível gratuitamente.

**Exemplo de nuvem criada no Mentimeter:**

O QUE É GLOBALIZAÇÃO?



Fonte: [www.mentimeter.com](http://www.mentimeter.com)

22

### Etapa 2

Nesta etapa vamos à campo! Afinal de contas nosso objeto de estudo está lá fora! É importante, professor, que envolva seus estudantes também na escolha do lugar que irão fotografar.

A dinâmica de reconhecimento dos elementos que compõem a paisagem imediata dos estudantes começa no planejamento desta atividade, pois seus alunos provavelmente conhecem bem o bairro e as redondezas e quando perguntamos a eles o processo de entendimento dos conceitos começa a ganhar contornos, imagens, dúvidas e sentimentos em relação ao lugar.

Por exemplo, pode ser comum algum aluno argumentar que no bairro não há paisagens. Veja, já é um início de discussão sobre o tema, pois poderá estimular esse estudante a repensar o conceito.

Para essa etapa, é sugerida a seguinte provocação: **VOCÊ JÁ RESPONDEU EM SALA O QUE É PAISAGEM, AGORA, TRADUZA SUA RESPOSTA EM FORMA DE FOTO!**

O objetivo dessa dinâmica é que eles possam refletir sobre o que escreveram e tentar reproduzir através de uma foto. A dificuldade que possa existir nessa tarefa faz parte do processo de aprendizagem, pois o estudante terá que reavaliar suas concepções iniciais, além de olhar ao seu redor, reconhecer elementos que fazem parte da sua realidade imediata, perceber situações, pessoas, movimentos, que passam despercebidos quando circula todos os dias pelos mesmos lugares. É um exercício também de estabelecer sentimentos de pertencimento.



Foto do autor

23

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Na etapa 1 da sequência didática, é sugerido ao professor uma sondagem sobre o conhecimento dos estudantes sobre determinado assunto, especificamente este material apresentado foi desenvolvido entorno do conceito de paisagem. A coleta das respostas pode ser realizada de forma escrita ou, para otimizar e dinamizar a atividade, com auxílio de plataforma virtual de geração de nuvens de palavras. Como sugestão, a plataforma

Mentimeter<sup>21</sup> é apresentada como uma possibilidade para essa etapa do trabalho. Feito isso, tanto o professor quanto os estudantes visualizam em tempo real as principais concepções sobre o tema proposto. É importante que o professor faça a mediação do processo, mas fique atento a garantir que as respostas partirão dos próprios estudantes.

A etapa 2 inicia-se com uma preparação para saída a campo. O professor apresenta dicas básicas da fotografia, principalmente relacionadas à intencionalidade ao fotografar. Além de conhecer algumas técnicas, é fundamental ter um objetivo ao fazer um registro fotográfico. Nessa preparação ao campo o estudante participa da elaboração de toda a atividade, inclusive na escolha dos lugares a serem visitados. Esse processo facilita ao estudante compreender o significado e o objetivo da proposta. Após esse momento em sala de aula, o professor conduz os estudantes a campo para fotografar o ambiente escolhido e responder a seguinte provocação: você já respondeu em sala de aula o que é paisagem, agora traduza sua resposta em forma de foto.

**Figura 54** - Tópico 3 com a preparação para o campo

**A preparação do campo**

**1** Após a etapa de sondagem sobre o conceito de paisagem, é a parte de planejamento do campo: explicar aos estudantes qual a proposta da atividade.

**2** Mesmo não tendo formação específica em fotografia, você professor pode dar dicas de como fotografar:

**A** Olhar com atenção os elementos que compõem os locais de visita: o movimento da rua, as construções, as áreas verdes, as pessoas etc.

**B** Escolher o assunto antes de clicar para fotografar.

Observa a quantidade de luz, a posição ao fotografar (na vertical ou horizontal), o plano do assunto (primeiro plano), se vai ser uma foto mais fechada no assunto ou mais aberta, se posicionar ao fotografar (se precisa abaixar ou se ficará em pé), e o ângulo da foto (de cima para baixo, de baixo para cima ou na direção horizontal do assunto).

**3** Escolher com os estudantes os locais a serem visitados em campo.

**A** Perguntar sobre o bairro: quais ruas são mais e menos movimentadas; onde está concentrado o comércio; se há áreas verdes ou praças.

**B** Projetar o mapa ou imagem de satélite do bairro da escola (caso haja a possibilidade de recurso visual digital), ou utilizar o próprio celular dos estudantes, ou computadores do laboratório de informática (se disponível). Em caso da ausência de recursos digitais, a sugestão é a impressão do mapa em tamanho suficiente para que todos possam acompanhar. Marcar os pontos de observação em campo.

Exemplo de mapeamento de pontos de observação em campo

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

<sup>21</sup> Plataforma online de elaboração de nuvem de palavras, de acesso e uso gratuitos. Disponível em <https://www.mentimeter.com/pt-BR>

**Figura 55** - Tópico 3 com a saída a campo para fotografar



Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Após a realização do campo, na etapa 3, os estudantes irão produzir as descrições dos lugares fotografados. O professor solicita que escolham uma foto e a descrevam, buscando responder algumas reflexões, como: qual paisagem você fotografou? Como você acha que era esse lugar antigamente? Como o ser humano provoca alterações neste local? Quais informações você consegue descrever para além do que você vê neste local? Quais outros elementos são possíveis de serem vistos em sua foto? Por que você escolheu fotografar esse lugar?

A escrita das descrições irá ajudar a refletir sobre os conceitos estudados de maneira prática, pensando o espaço de vida, as relações sociais, os problemas daquele lugar, como se relacionam com o bairro e o que ele representa para a comunidade ao longo do tempo. Cada escrita poderá ser utilizada pelo professor na etapa seguinte que é a discussão final da atividade.

Figura 56 - Tópico 3 com a finalização da atividade

### Etapa 4

Ao finalizar a etapa de campo e a escrita das descrições é hora de dialogar com os estudantes sobre o conceito de paisagem que elaboraram inicialmente, as fotos que produziram e o que escreveram sobre elas:

- A** Resgate as concepções dos estudantes apresentadas na primeira etapa da atividade.
- B** Projete ou leia as respostas e discuta novamente com os estudantes as definições que mais apareceram.
- C** Solicite a autorização para que possa projetar ou mostre as impressões das fotos
- D** Peça ao grupo: **Com base nas fotos que produziram, respondam:**
  1. **uma paisagem é composta por quais elementos?**
  2. **uma paisagem é estática? Por que?**
  3. **como as paisagens se transformam?**
  4. **além do que é visto, o que mais você consegue "enxergar" em uma paisagem?**
  5. **o que podemos concluir sobre as paisagens?**

Finalize a atividade com uma exposição do material produzido pelos estudantes e convide toda comunidade escolar.

**40**

### TÓPICO 04

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Gabriel Carvalho. **A fotografia na era da mobilidade: concepções e experiências contemporâneas para o ensino de geografia.** 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CALAZANS, Denis Rocha; ALMEIDA, Jacqueline Praxedes da.; ARLOTA, Gabriel Londres. **A fotografia como recurso didático nas aulas de geografia.** Diversitas Journal, [S.l.], v.7, n.2, p.1031 - 1046, 2022. Disponível em: [http://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal](http://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal). Acesso em 18 de outubro de 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** São Paulo: Papirus, 2012.

INSTITUTO DE PESOS E MEDIDAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - IPENSP. Desenvolvido pela Assessoria de Comunicação e pelo Departamento de Tecnologia da Informação do Instituto de Pesos e Medidas do Estado de São Paulo, Apresenta informações sobre Fotografia e Metrologia. Disponível em <https://ipensp.wordpress.com/2019/08/19/dia-mundial-da-fotografia-2/>. Acesso em 5 de julho de 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012

RAMALHO, José Antonio. **Escola de Fotografia: o guia da técnica.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Aita Books, 2017

STEINKE, Valdir Adilson. **Geografia e Fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos.** Organizadores: Valdir Adilson Steinke, Danta Flávio Reis Junior, Everaldo Batista Costa. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias - LAGIM, UnB, 2014.

**41**

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

A finalização da sequência didática é o momento de discussão final do professor com os estudantes, quando serão resgatadas as primeiras concepções sobre o tema proposto, a apresentação das fotos através do relato da intencionalidade, dos elementos presentes, da interpretação para além do que é visível na foto, ou seja, a história por trás da foto.

O material elaborado é uma sugestão de trabalho e, portanto, tem como objetivo inspirar professores a desenvolverem suas atividades, adequar à sua realidade escolar e inovar com o uso da fotografia o ensino de conteúdos da Geografia. E para que isso aconteça e mais professores possam buscar referências e inspirações, o material, será disponibilizado no endereço eletrônico <https://andrelbnovais.wixsite.com/geografia> gratuitamente em formato de PDF para que possa ser feito seu download e também link de visualização online em modo livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um desafio constante aos professores que é atrair a atenção dos estudantes aos conteúdos ensinados. Ainda mais desafiador é conseguir que o estudante compreenda a importância desses conteúdos para sua vida. A falta de significado imediato ao cumprir os currículos pré-estabelecidos de forma engessada não encanta. Somado a isso, os professores disputam a atenção com recursos tecnológicos que atraem os olhares de seus estudantes para as telas de seus aparelhos celulares/smartphones.

Cabe ao professor buscar metodologias que possam dialogar com os interesses dos estudantes. Principalmente se esses métodos provocam a participação deles na construção coletiva das atividades. Importante também que essa dinâmica participativa tenha relação com a realidade imediata desse grupo. Reconhecer o espaço que vive, as relações da comunidade com o meio, as alterações ao longo do tempo, as dinâmicas sociais e econômicas, o papel de todos os atores sociais envolvidos e presentes na vida cotidiana.

A fotografia mostra-se como um excelente recurso em tempos de exposição contínua de fotos em rede sociais, pois é algo que faz parte da vida dos estudantes. É uma oportunidade de aproveitá-la e mostrar as potencialidades que o registro fotográfico pode proporcionar tanto esteticamente quanto para comunicar. No caso da Geografia, a comunicação visual é parte essencial do processo de ensino, pois é através das imagens que é possível ilustrar fenômenos, situações ou realidades diferentes. O trabalho com a fotografia no ensino da Geografia estimula o estudante a pensar sobre seu entorno, pois para cada foto há uma intenção em retratar algo que compõe a paisagem, mesmo que esteja habituado a vê-la todos os dias, porém não faz a reflexão sobre os acontecimentos que a movimentam e a transformam. A atuação docente, neste sentido, auxilia a compreensão à medida que provoca o estudante a ter um olhar atento e crítico sobre sua realidade. O professor ao pedir que fotografe os elementos visíveis, mas que extraia também informações implícitas está contribuindo com o exercício de reflexão e questionamentos do estudante, pois terá que estabelecer relações, comparações e buscar memórias. Este um processo de aprendizado.

As realidades fotografadas e descritas sobre a atual situação da Vila de Regência, em Linhares-ES, ou dos aspectos urbanos dos bairros ao entorno da escola em Cariacica-ES, foram possíveis graças à investigação in loco através da observação. O trabalho de campo no ensino de Geografia, como metodologia de estudo do meio, é importante para a compreensão dos lugares e estabelecer conexões entre os conteúdos abordados em sala de aula e a realidade

em que está inserido e o uso da fotografia completa a abordagem com participação direta dos estudantes que traduzem através das fotos suas percepções sobre as paisagens.

Foi possível analisar que o estudante observa os elementos presentes no meio em que vive, mas que em seu cotidiano passam despercebidos ou que, aparentemente, não representam algo importante em sua vida, por exemplo, em Linhares-ES, observar o Rio Doce de uma margem à outra e se surpreender com o tamanho do rio, mesmo sabendo que atravessa sua cidade e faz parte da história local, ou observar que no trajeto de sua casa para sua escola em Cariacica-ES, há uma estrada de ferro desativada e que no passado foi uma importante via de escoamento e que, possivelmente, impactou na vida local durante o seu funcionamento.

A falta de atenção aos elementos do seu entorno estavam evidentes durante a aplicação das atividades em campo, pois houve dúvidas sobre o que fotografar, ou seja, que paisagem que existe naqueles lugares que mereçam ser fotografadas. Esse era um questionamento muito comum entre os estudantes, pois a princípio eles associam o conceito à lugares bonitos e que transmitem tranquilidade. Coube a mediação do professor que buscou provocar a intencionalidade fotográfica com perguntas sobre os elementos e situações do que era visto, sobre as interações do ser humano com o meio, da importância daqueles lugares para a comunidade. Desta maneira, as fotos produzidas demonstraram olhares para além dos elementos visíveis, e a compreensão sobre as relações estabelecidas nos lugares visitados também foram representadas e descritas pelos estudantes.

Após a análise das metodologias utilizadas nas atividades, foi possível verificar que o uso da fotografia causa engajamento dos estudantes, desde o planejamento das atividades até a execução e pós-produção. O paralelo feito entre as primeiras concepções sobre o conceito de paisagem e as descrições das fotos mostram que, apesar de alguns ainda associarem o termo à elementos naturais e a lugares bonitos, a maior parte dos estudantes conseguiram retratar os lugares visitados e descrever as relações existentes. De todo modo, é também importante destacar que o papel do professor em orientar, dialogar e ensinar é fundamental, haja visto que o resultado das atividades precisaram ter uma mediação do professor ao longo da aplicação metodológica. O estudante sabe utilizar uma câmera e fotografar, mas o processo de aprendizado requer orientação e estímulos que são proporcionados pelo docente.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Liriane Gonçalves; GONÇALVES, Diogo Laercio. A paisagem em Geografia: diferentes escolas e abordagens. **Élisée - Revista De Geografia Da UEG**, v. 3, n. 2, 92-110. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3122>. Acesso em 22 de julho de 2023.

Biodiversidade de Linhares, Espírito Santo [recurso eletrônico]. Organizadoras: Anabel de Lima, Andressa Gatti, Paola Maia Lo Sardo. Revisão, Fundação Renova e UNESCO. Belo Horizonte: Fundação Renova: 2023. 60p. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/projeto-ciencia-cidada-na-bacia-do-rio-doce>. Acesso em novembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

CALAZANS, Denis Rocha; ALMEIDA, Jacqueline Praxedes de.; ARLOTA, Gabriel Londres. A fotografia como recurso didático nas aulas de geografia. **Diversitas Journal**, [S.l.], v.7, n.2, p.1031 – 1046, 2022. Disponível em: [http://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal](http://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal). Acesso em 18 de outubro de 2022.

CARLOS, Ani Fani Alessandra. **A cidade**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. São Paulo: Papyrus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. São Paulo: Papyrus, 2012.

COELHO, André Luiz Nascentes. Bacia Hidrográfica do Rio Doce (MG/ES): Uma análise socioambiental integrada. **Geografares**, [S. l.], n. 7, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/156>

D'ÁVILA, W. P. da S. **Análise Ambiental dos Fatores de Risco de Inundação no Rio Marinho – Grande Vitória, Espírito Santo**. Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade, [S. l.], v. 14, n. 7, 2018. DOI: 10.22292/mas.v14i7.628. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistameioambiente/index.php/meioAmbiente/article/view/628>. Acesso em: 26 mar. 2023.

Dissertações e Produtos Técnicos – Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional. Disponível em: <<https://profgeo.ouropreto.ifmg.edu.br/dissertacoes/>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FANTIN, Eneida M. TAUSCHECK, Neusa M. NEVES, Diogo Labiak. **Metodologias para o ensino de geografia**. 2 ed. Curitiba: InterSaberes, 2013.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. **Orientações Curriculares**. Vitória, 2022.

FILATRO, Andrea. **Produção de conteúdos educacionais**. São Paulo: Saraiva, 2015.,

GEOBASES. Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Estado do Espírito Santo. Disponível em <https://geobases.es.gov.br/>. Acesso em 29 de abril de 2023.

NASCIMENTO, Rafaela Araújo do; STEINKE, Valdir Adilson. **Apontamentos teóricos para a relação entre paisagem e fotografia na Geografia**. Curitiba, v.44, p. 21 -35, maio. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/47200>. Acesso em: 13 maio 2022.

IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves. Mapa de Limites Administrativos – Linhares, 2012. Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>>. Acesso em 28 de novembro de 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

PAULA, Júlia da Matta Machado de; MARTINS, Marcelo Lema Del Rio; ANGELO, Vitor Amorim de. (org). **Educação em tempo integral no Espírito Santo [livro eletrônico] : história, conceitos e metodologias** - 1. ed. - Vitória, ES: Governo do Estado do Espírito Santo, 2021.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda, CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMALHO, José Antonio. **Escola de Fotografia: o guia da técnica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

REDAÇÃO de A Gazeta. Há 5 anos, a lama de rejeitos de mineração chegava à foz do Rio Doce. Site A Gazeta, Brasil, 20 de novembro de 2020. 1 fotografia, colorida. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/ha-5-anos-a-lama-de-rejeitos-de-mineracao-chegava-a-foz-do-rio-doce-1120>>. Acesso em 29 de novembro de 2029.

ROSENDANHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SACCONI, Luiz Antônio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 1996.

SAGRILO, Jorge. Rio Doce vira 'estrada de terra' entre Linhares e Colatina no ES. Site G1 Notícias ES, 05 de novembro 2015. 1 fotografia, colorida. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2015/02/rio-doce-vira-estrada-de-terra-entre-linhares-e-colatina-no-es.html?noAudience=true>>. Acesso em 29 de novembro de 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 10).

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicas da Geografia** - 6ª ed. - São Paulo: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022. Livro eletrônico (Coleção Milton Santos; 10).

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. R. RA'E GA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/3353/2689>> Acesso em: 22 de julho de 2023.

STEINKE, Valdir Adilson. **Geografia e Fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Organizadores: Valdir Adilson Steinke, Dante Flávio Reis Junior, Everaldo Batista Costa. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, 2014.

VILA VELHA (Município). **Plano Municipal de Saneamento Básico**. 2014. Disponível em [https://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/5599\\_2015\\_Plano\\_Saneamento\\_Basico-SEMMA\\_Proc\\_57449-14-Anexo\\_Aut\\_3363-14.pdf](https://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/5599_2015_Plano_Saneamento_Basico-SEMMA_Proc_57449-14-Anexo_Aut_3363-14.pdf) Acesso em: 26 de março de 2023.